





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

ALDILO AMÂNCIO CAETANO KABA MUNDURUKU

***NÕPAÕO:*
HISTÓRIAS DE GUERRA MUNDURUKU**

SANTARÉM

2022

ALDILO AMÂNCIO CAETANO KABA MUNDURUKU

NÕPAÕO:

HISTÓRIAS DE GUERRA MUNDURUKU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia, pelo Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Ciências da Sociedades da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Nunes

SANTARÉM

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

M965n Munduruku, Aldilo Amâncio Caetano Kaba
Nopaço: histórias de Guerra Munduruku. / Aldilo Amâncio Caetano Kaba Munduruku. – Santarém, 2022.
89 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Eduardo Nunes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Munduruku. 2. Guerra. 3. Cabeça-troféu. I. Nunes, Eduardo, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 305.89811



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

No oitavo dia do mês de agosto de 2022, às 14 horas, no Auditório do NTB, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso do discente do curso de Bacharelado em Antropologia **Aldido Amâncio Caetano Kaba Munduruku**, intitulado “**Nôpaço: histórias de Guerra Munduruku**”. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, **Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes** (Presidente), e pelos(as) avaliadores(as), **Hans Amâncio Caetano Kaba Munduruku** (Liderança Munduruku da Aldeia Katõ), **Profª Drª Lucybeth Arruda** e **Prof. Dr. Raoni Valle**. O presidente fez a abertura da sessão de defesa com a apresentação dos(as) componentes da banca e do discente, e atribuiu o tempo máximo de 20 (vinte) minutos para a apresentação do trabalho. Após a apresentação passou-se à arguição dos(as) componentes da banca e, em seguida, às respostas do(a) discente. A comissão reuniu-se e apresentou o parecer final com a nota 10,0 (dez). Em seguida, os membros da banca fizeram suas considerações finais e passaram a palavra para o(a) discente, que efetuou seus agradecimentos. Nada mais havendo a tratar, eu, Eduardo Soares Nunes, lavrei a presente ata que, após ser lida, foi assinada pelos membros da banca e pelo(a) discente.

Banca Examinadora:

Eduardo Soares Nunes (Presidente): Eduardo S. Nunes

Hans Amâncio Caetano Kaba Munduruku (avaliador): Hans Amâncio Caetano Kaba Munduruku

Lucybeth Arruda (avaliadora): Lucybeth Arruda

Raoni Valle (avaliador): Raoni Valle

Aldido Amâncio Caetano Kaba Munduruku

Discente: Aldido Amâncio Caetano Kaba Munduruku

Para meu finado avô Kaba Biboy

Para o povo Munduruku



Fonte: Setor de Etnologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional.

Foto da capa: Cabeça-troféu de munduruku, trazida pelos viajantes Martius e Spix, atualmente no Museu Cinco Continentes, em Munique — Foto: Museum Fünf Kontinente/M. Weidner

AGRADECIMENTO

Eu gostaria de agradecer a todos que me ajudaram bastante durante o período em que estudei na Ufopa, principalmente a Deus jeová Karo Saybu. Gostaria de agradecer também aos professores das disciplinas de antropologia e arqueologia, no Instituto de ciências da sociedade (ICS). Agradeço também aos meus colegas de turma, que me ajudaram a construir e desenvolver os trabalhos nas disciplinas, e também aos monitores que se disponibilizaram em ajudar, como Eliano kirixi, Jair Borõ, Mateus, Vanessa Marrocos, Taís, Andresa, Edu e todos os outros colegas que cursaram Antropologia e Arqueologia. Gostaria de agradecer também aos meus professores do curso de antropologia, assim como os do curso de arqueologia: professora Lucybeth Camargo Arruda, Camila Jácome, Bruna Rocha, Dassuem Nogueira, Diego Amoedo, Vinícius Oliveira, Miguel Aparício, Raoni Valle, principalmente o meu orientador professor Eduardo Soares Nunes, que esteve sempre me ajudando na correção da escrita na linguagem português. O professor também disponibilizou o gravador de voz para fazer as gravações das entrevistas, e o professor Raoni Valle disponibilizou a sala do Lavai pra eu poder fazer o meu trabalho, e também disponibilizou o seu equipamento (máquina fotográfica e microfones de captação de audio) para realização do meu primeiro campo na Aldeia Katõ. Agradeço também a minha aldeia, pois as pessoas de lá sempre estiveram comigo, torcendo por mim. Agradeço àquelas pessoas que confiaram em mim e compartilharam seus conhecimentos: João Afonso Karo Munduruku, Faustino Kaba Munduruku, Francisco Kaba Munduruku e Josefa Kaba Munduruku. Agradeço principalmente a confiança que depositaram na minha capacidade de concluir a graduação: Cacique Geral Arnaldo Kaba munduruku, Faustino Kaba munduruku, Manoel Baiano, Geraldo Poxo Munduruku, Gerônimo Kaba Munduruku, Reginaldo Poxo Munduruku, Aldo Poxo Munduruku, por fim ao meu irmão, amigo, compadre e companheiro de luta Geovani Kaba Munduruku, e a meu tio líder Hans Kaba Munduruku. Agradeço também a minha família, minha mãe, meus irmãos, sobrinhos tios, tias, cunhados, cunhadas. Agradeço principalmente a minha companheira esposa, Rosiane Dace Munduruku. Não pude agradecer pessoalmente ao meu pai, que faleceu durante a minha juventude, quando tinha 7 anos de idade, mas agradeço a ele por ter dado o dom que ele deixou pra mim. Agradeço às instituições que deram sua contribuição de confiança em mim, como: Associação Wuyxaximã, Associação Pusuru e Funai.

Por fim a Universidade Federal Oeste do Pará (Ufopa), que disponibilizou sua estrutura, que permitiu eu pudesse chegar até aqui. Sempre procurei me esforçar bastante para conseguir a minha aprendizagem, adquirir conhecer e respeitar ao próximo. Desde que entrei na universidade e fui conhecendo o que é a antropologia, fui encontrando o caminho dos estudos que serviram para o meu povo mundurucu. Agradeço aos três professores me ensinaram como elaborar o trabalho de pesquisa, professora Lucybeth, professor Eduardo e o professor Raoni.

RESUMO

Este trabalho é um registro das histórias e do conhecimento munduruku sobre a guerra, *nõpaḡo*. Antigamente, nós guerreávamos com outros povos, chamados de *deíwat*, e cortávamos suas cabeças para trazer fartura de alimentos. Esse conhecimento vem dos tempos antigos. Tudo começou com Karo Daybi, que aprendeu com Moreko Doibu a cortar a cabeça das pessoas do povo de seu irmão Yori Cuḡ'pu, que era grande caçador. Já Karo Daybi não tinha sorte na caça, não matava nada. Por isso ele queria a cabeça do povo de seu irmão, para trazer sorte na caça. Nesse trabalho, apresento essas histórias antigas, que relatam sobre como a guerra começou. Depois relato sobre a maneira como a guerra com outros povos acontecia, e sobre como as cabeças eram utilizadas. O conhecimento registrado nesse trabalho vem principalmente das histórias contadas pelos meus tios, Kaba Bon'pu (Faustino Kaba Munduruku) e Kaba Bimũḡwat'pu (Francisco Kaba Munduruku).

Palavras-chave: Munduruku. Guerra. Cabeça-troféu.

ABSTRACT

This work registers Munduruku histories and knowledge on war, *nōpaḡo*. In the old days, we made war against other peoples, which we call *deíwat*, and cut their heads off so it could bring us bounty of food. This knowledge comes from ancient times. It all began with Karo Daybi, who learned from Mureko Doibu how to cut off the heads of individuals of his brother's Yori Cuḡ'pu people, who were himself a great hunter. But Karo Daybi had no luck in hunting, he couldn't kill anything. In this work, I present the old histories that recount how the war began. In the sequence I make an account on the manner in which war against other peoples happened, and on how enemy heads were used. The knowledge registered in this work comes mainly of the histories told to me by my uncles, Kaba Bon'pu (Faustino Kaba Munduruku) e Kaba Bimūḡwat'pu (Francisco Kaba Munduruku).

Key-words: Munduruku. War. Trophy-head.

LISTA DE IMAGENS

Desenho 1: Wako Borun & Karo Daybi.....	01
Imagem 1: Guerreiro munduruku segurando a cabeça na ponta da vara de bambu, como Mureko Doibu ensinou Karo Daybi.....	13
Imagem 2: Capacete de penas, como o que Wako Orebu fazia.....	24
Imagem 3: Waí'a dup jexeap (Clã da Folha de Cabaça – clã fraco).....	34
Imagem 4: Xik jexeap (Clã do Carapanã – clã fraco).....	34
Imagem 5: Pukorawpikpik jexeap (Clã do Bacurau – clã forte).....	35
Imagem 6: Pusurukaw jexeap (Clã da Andorinha – clã forte).....	35
Imagem 7: Cēḡcēḡ jexeap (Clã da Seriema – clã fraco).....	35
Imagem 8: Suire-Suire jexeap (Clã da Curica da Bochecha Laranja – clã forte)..	36
Imagem 9: Pukasu jexeap (Clã da Juriti – clã forte).....	36
Imagem 10: Pintura facial dos xamãs.....	50
Imagem 11: Pintura facial dos guerreiros.....	51
Imagem 12: Pintura facial feminina de guerra.....	51
Imagem 13: Pinturas corporais de guerra.....	52
Imagem 14: Antiga ponta de flecha de guerra, feita de pedra.....	56
Imagem 15: Pintura facial de proteção da alma do guerreiro.....	57
Imagem 16: Cabeça de um índio Maué preparada por um Munduruku.....	62
Imagem 17: Cabeça parintintin.....	63
Imagem 18: Colar de dentes enfeitando uma cabeça.....	64
Imagem 19: Criança ornamentada com envira de tawarí branco.....	65
Imagem 20: Cabeças de mulheres.....	67
Imagem 21: Cabeça pendurada na uk'sa.....	67
Imagem 22: Guerreiro munduruku com sua cabeça na ponta de uma vara.....	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização geral do território munduruku.....	08
Mapa 02: Território dos Munduruku no tempo de Karo Daybi.....	09

SUMÁRIO

1	Introdução	01
1.1	Sobre a pesquisa	04
2	CAPÍTULO 1: A guerra de Daybi: de como a guerra se iniciou	07
2.1	O ensinamento de Mureko Doibu	10
2.2	A guerra de Karo Daybi e Yori Cuğ'pu	14
2.3	A história de Wako Borun	21
2.4	O surgimento dos <i>deíwat</i>	47
3	CAPÍTULO 2: A caça de cabeças	50
3.1	A preparação dos guerreiros	50
3.2	De como a guerra era feita	54
3.3	O luto pelos guerreiros mortos pelos inimigos	59
3.4	O preparo da cabeça	61
3.5	Os dentes	64
3.6	A guerra das mulheres	66
3.7	Como as cabeças eram guardadas	68
3.8	A utilização das cabeças	69
3.9	As cabeças dos animais	74
3.10	Alguns comentários sobre o trabalho de Murphy	75
4	Conclusão	77
5	Referências Bibliográficas	78

1 INTRODUÇÃO

ijop wekapik ap ajo juk xepxep ayō (kaba bonpu & kaba bimōgwatpu) oḡuwēn ōwēn yat, ixeyō dak jetaibit ap taḡ'ā ip oḡuwēn pen woydobubu yō ōm'ōm yō owekuku deiwat'a uk'uḡ kuyje yap mōbapuk ām ajo kay paxi exeyō ōm ōm waracat oyaokaka yap co ap. Ade jijā kawēn ojebapuk ajojo yu ōm'ōm ekukuap ekawen. Pēn adi Karo Daybi oitaibīn mōrekodoibu eju yap mōbapuk ap, ajo buye ojewemuḡeḡe ibo a'uk ukap yap pēnpuye ibo ojebapuk yauk'uk pīn ma xee Daybi osunuy jetaibīn puje yap coap, pēn ixeyō jewuydada ap otuju'ōm awaydip kay yap co'ap. ajo mōḡēm ān aōyō at oekuku aḡokatka yō eju nōpaḡō be yap. Ajo pikpīḡ ixeyō at oekuku nōpaḡō be yap mōbapuk ap.

Desenho 1: Wako Borun & Karo Daybi



Fonte: Alunos da primeira turma de estudantes mundukuru que entraram na Ufopa (2013).

Desenho de Wako Borun e Karo Daybi, feitos pela primeira turma de estudantes mundukuru que entraram na Ufopa (2013). Depois de muito diálogo sobre o que seria desenhado, os estudantes decidiram fazer esse desenho de Wako Borun e Karo Daybi porque nós somos descendentes deles. Hoje não há mais guerra, mas nós continuamos lutando, de outra maneira. O objetivo das mulheres é lutar para recuperar todo nosso patrimônio, que foi tirado de nós, assim como, nos tempos antigos, Wako Borun

guerreou para recuperar a cabeça de seu irmão. Os homens, hoje, vivem em uma guerra em busca do direito de viver em seu território, por isso hoje estamos nas universidades para adquirir conhecimento com o objetivo de enfrentar seus maiores inimigos: o preconceito, a ignorância, a discriminação dos indígenas que vivem na cidade e a violação dos direitos constitucionais conquistados. Mas a guerra não é mais cortando a cabeça dos seus inimigos, mas por meio de documentos e elaboração de projetos; da mesma forma como Karo Daybi buscando seu poder e, quando conseguiu dominá-lo, foi passando de geração em geração.

* * *

Meu nome é Kaba Rewatpu (Aldilo Amâncio Caetano Kaba Munduruku, em português). Sou neto do finado Kaba Biboy, uma das maiores lideranças Munduruku, e filho de Aurelio Amâncio Caetano Kaba Munduruku & de Luiza Korap Munduruku. Nasci no dia 31 de janeiro de 1985 na aldeia Katõ, que se localiza no centro do rio Kabitutu, afluente da margem direita do Rio Tapajós.

Como estudante indígena munduruku do curso de antropologia, meu objetivo era estudar sobre meu povo. Existem vários povos indígenas no Brasil, cada um com sua ancestralidade, mas meu interesse sempre foi pesquisar meu próprio povo. Desde que entrei no curso, em 2017, percorri as aldeias buscando as informações corretas sobre a história e o conhecimento munduruku. Porque, muitas vezes, as informações registradas pelos viajantes e pesquisadores que passaram pelos munduruku não estão corretas, principalmente sobre o que realmente acontecia em *nõpaõ*, (as expedições guerra): meu avô sempre me dizia que os brancos inventavam a sua descrição. Por isso é importante que o conhecimento munduruku seja registrado por nós mesmos, pesquisadores munduruku.

O que foi mais difícil para mim foi a escrita em português, tive dificuldade em escrever o que os mais velhos contavam para mim. Quando me aproximava das pessoas sábias que queria entrevistar, elas sempre me perguntavam para que serviria o trabalho que eu estava fazendo, qual a utilidade daquilo para o povo Munduruku. Eu respondia que queria registrar essas histórias e esse conhecimento para que ficasse para as futuras gerações, para que essas histórias não fossem esquecidas. Por isso, antes de começar a

pesquisa, eu precisei conquistar o coração dessas pessoas para que elas compartilhassem comigo seu conhecimento.

Os mais velhos já estão cansados, e percebi que não poderia perder a oportunidade de conversar com eles e registrar seu conhecimento porque, quando eles partirem, levariam esse conhecimento com eles. Quando eles começavam a contar suas histórias, eu percebia que eles tinham muita coisa para mostrar para o mundo, trazendo as histórias dos tempos antigos para os dias atuais. Existem histórias que podem ser contadas sem problemas. Mas existem outras que não podem ser contadas, nem para os brancos nem mesmo para os indígenas, porque isso traria consequência negativas, provocando raiva nos *iba'arêmrêm ayū* (espíritos dos antepassados), e alguma coisa de ruim poderia acontecer. Isso aconteceu, por exemplo, com meu finado avô Joaquim Kaba Munduruku, da aldeia Karuruá. Uma pessoa pediu para entrevistá-lo (contam que era uma mulher estrangeira, que não sabia falar bom o português), para que ele contasse sobre o *kado'ku*. Ele concordou, mas disse que não podia gravar nem filmar: ela poderia ouvir e depois escrever, apenas isso. Mas, infelizmente, essa mulher estava com um gravador escondido no bolso, e gravou sua fala e seu canto. Depois de mais ou menos um mês, adoeceu, sentindo falta de ar e cansaço. Então chamaram um pajé do rio Cadirirí, que falou que algo estranho estava acontecendo: em sua visão, ele via uma mulher branca desconhecida. Os *iba'arêmrêm ayū* estavam tentando roubar sua alma, mas não conseguiam se aproximar dela, por isso roubaram a alma do meu avô. Só depois o pessoal do SPI descobriu que aquela mulher tinha um gravador com um áudio do Seu Joaquinzinho. O pessoal da aldeia também ficou sabendo. Foi isso que causou a raiva dos *iba'arêmrêm ayū*. Por conta disso, meu avô foi adoecendo cada vez mais, foi enfraquecendo e, depois de uns três meses, acabou falecendo. De modo semelhante, há questões que não podemos insistir para as pessoas contarem, por isso poderia acabar prejudicando a pessoa que estamos entrevistando.

Pra mim foi uma honra fazer o meu trabalho de campo, poder buscar mais e mais informações sobre o meu povo Munduruku.

É muito importante registrar as histórias antigas. Às vezes as pessoas que não conhecem dizem que é “mito”, “lenda”, que não são histórias verdadeiras. Mas não é assim! Essas histórias realmente aconteceram, algumas há muito, muito tempo atrás, outras mais recentemente. Essas histórias aconteceram em lugares específicos. Nos campos, nas cabeceiras dos rios Caburuá e Kabitutu, ainda podemos ver os lugares onde essas histórias aconteceram: aldeias antigas (*wakopadika*, *waoda duk*) e campos de

batalha (*waodadi bikabuk*). Qualquer pessoa que tiver dúvida sobre isso, basta ir até esses lugares para saber que são histórias verdadeiras. Para conhecer nossa história, é preciso se apropriar do que realmente aconteceu nos tempos das antigas guerras.

Por isso, nesse trabalho, procurei descrever como os Munduruku viviam no tempo das guerras, quando caçavam a cabeça dos seus inimigos. Isso nos leva a compreender o passado e o presente, para ajudar nossas crianças e adolescentes conhecer sua própria origem, para que elas saibam qual é nosso patrimônio, o que nos faz diferentes de outros povos indígenas e dos brancos.

Hoje, os Munduruku não querem perder a memória da sua ancestralidade. Essa memória está nos lugares sagrados, por isso buscamos uma solução para os conflitos que ameaçam destruir esses lugares sagrados, como os projetos de construção de hidroelétricas e o garimpo. Por isso buscamos reconhecer e proteger esses lugares sagrados, onde nossos deuses, da geração de Karo Sakaybu, e os antepassados estão presentes, principalmente nos campos de batalha da savana: uma das maneiras de fazer isso é contando nossas histórias.

O conhecimento registrado nesse trabalho vem principalmente das histórias contadas pelos meus tios, Kaba Bon'pu (Faustino Kaba Munduruku) e Kaba Bimũgwat'pu (Francisco Kaba Munduruku).

1.1 Sobre a pesquisa

Minha primeira pesquisa na Ufopa foi sobre o tema *parasuysuy ap*, que são flautas rituais munduruku. Essa pesquisa foi desenvolvida ao longo de dois Projetos de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic). O primeiro, no ano de 2018, se chamava “As festas de flauta *parasuy'suy ap* entre os Munduruku”. O segundo, dando continuidade a essa pesquisa, foi realizado em 2019 com o título “As músicas de flauta *parasuy'suy ap* entre os Munduruku”, ambos orientados pelo professor Eduardo Soares Nunes. Primeiramente, fui fazer pesquisa na aldeia Kaburuá. Lá, as pessoas tinham conhecimento sobre as flautas, de como a flauta *kado'ku* se transformou na flauta *parasuy*, mas não tinha ninguém que tocava mais essas flautas. Então fui para minha aldeia, Katõ, onde havia meus tios Kaba Bon'pu (Faustino Kaba Munduruku) e Kaba Bimũgwat'pu (Francisco Kaba Munduruku), que são velhos sábios que ainda tocam as flautas. Foram com eles que me aprofundi mais no conhecimento sobre as flautas. Minha tia Kaba Ep'um (Josefa Kaba Munduruku), irmão do meu tio Faustino, foi quem

me contou a parte do conhecimento feminino envolvido com as flautas. Meu objetivo era resgatar e registrar esse conhecimento para futuras gerações, de modo que também pudesse servir como material didático da escola Karo Benpu, para os alunos indígenas munduruku pudessem aprender mais sobre nossa história.

Depois desse primeiro projeto, resolvi me dedicar ao tema da caça de cabeças para elaborar meu TCC. Além do TCC, a pesquisa também foi desenvolvida em um PIBIC no ano de 2021, intitulado “A caça de cabeças munduruku”. A pesquisa também foi realizada na aldeia Katõ. Meus tios Francisco e Faustino nasceram e cresceram na aldeia Kaburuá antiga, e foi naquela região que se passaram os acontecimentos antigos contados pelas histórias que apresento aqui, por isso eles são grandes conhecedores das histórias sobre a caça de cabeças. As histórias e os conhecimentos que apresento neste trabalho foram contadas por eles. As histórias que eles me contaram foram gravadas com gravador de voz, depois transcritas para serem utilizadas nesse trabalho. Além deles, o professor Lucimar Korap, que é professor da escola Karo Benpu na aldeia Katõ, também me contou muitas informações que estão no capítulo 2. Além deles, também minha esposa Dace Biru (Rosiane Dace Munduruku) também compartilhou comigo muitas histórias que ela ouviu de sua avó, Josefa Kaba Munduruku.

O tema deste trabalho é *nõpaḡõ*, a guerra. Procurei descrever como os Munduruku viviam nos tempos antigos, fazendo suas expedições de guerra em longas jornadas através dos territórios de seus inimigos, que eram outros povos indígenas da Amazônia. Muito se falava que os povos indígenas viviam da caça e da coleta, mas os Munduruku viviam por meio da guerra. Não era por vingança que os Munduruku iam para a guerra, era para cortar a cabeça dos seus inimigos. Por meio dessas cabeças, eles controlavam os espíritos *pucaxi*, as mães dos animais, e *kapido*, a mãe das plantas, e assim garantiam fartura de alimentos: de animais de caça, de frutos do mato e das plantas da roça.

Tudo começou com Karo Daybi, que aprendeu com Moreko Doibu a cortar a cabeça das pessoas do povo de seu irmão Yori Cuḡ’pu, que era grande caçador. Já Karo Daybi não tinha sorte na caça, não matava nada. Por isso ele queria a cabeça do povo de seu irmão, para trazer sorte na caça. Ele tentou várias vezes cortar a cabeça de uma mulher do povo de Yori Cuḡ’pu, mas não conseguia. Enquanto isso, seus irmãos estavam tentando caçar animais, mas também não conseguiam. Quando Karo Daybi conseguiu cortar a cabeça de uma mulher, então seus irmãos conseguiram matar muitas

pacas. Então esse conhecimento foi repassado, e os Munduruku continuaram cortando a cabeça de seus inimigos.

Esse trabalho está dividido em dois capítulos. No capítulo 1, apresento as histórias antigas, que relatam sobre como a guerra começou. Primeiro, a história de como Karo Daybi aprendeu com Mureko Doibu a cortar a cabeça de seus inimigos. Depois, a história da guerra entre Karo Daybi e Yori Cuğ'pu. No início, o conflito era apenas entre os dois irmãos. Até que Wako Oribu foi morto e comido pelo pessoal de *waoda duk* e sua irmã Wako Borun foi para guerra para recuperar a cabeça de seu irmão: foi nesse tempo que a guerra se generalizou, não era mais apenas entre os dois irmãos, mas entre o pessoal de *wakopadika* e o pessoal de *waoda duk*. Depois surgiram os *deíwat*, os outros índios, e os Munduruku passaram a guerrear com eles.

No capítulo 2, descrevo como acontecia a guerra contra os *deíwat*: como era a preparação dos guerreiros, suas pinturas corporais, como eram as expedições de guerra, como acontecia o ataque às aldeias inimigas, como as cabeças dos inimigos eram cortadas e preparadas e como as cabeças eram utilizadas para trazer fartura de alimentos.

2 CAPÍTULO 1

A guerra de Daybi: de como a guerra se iniciou

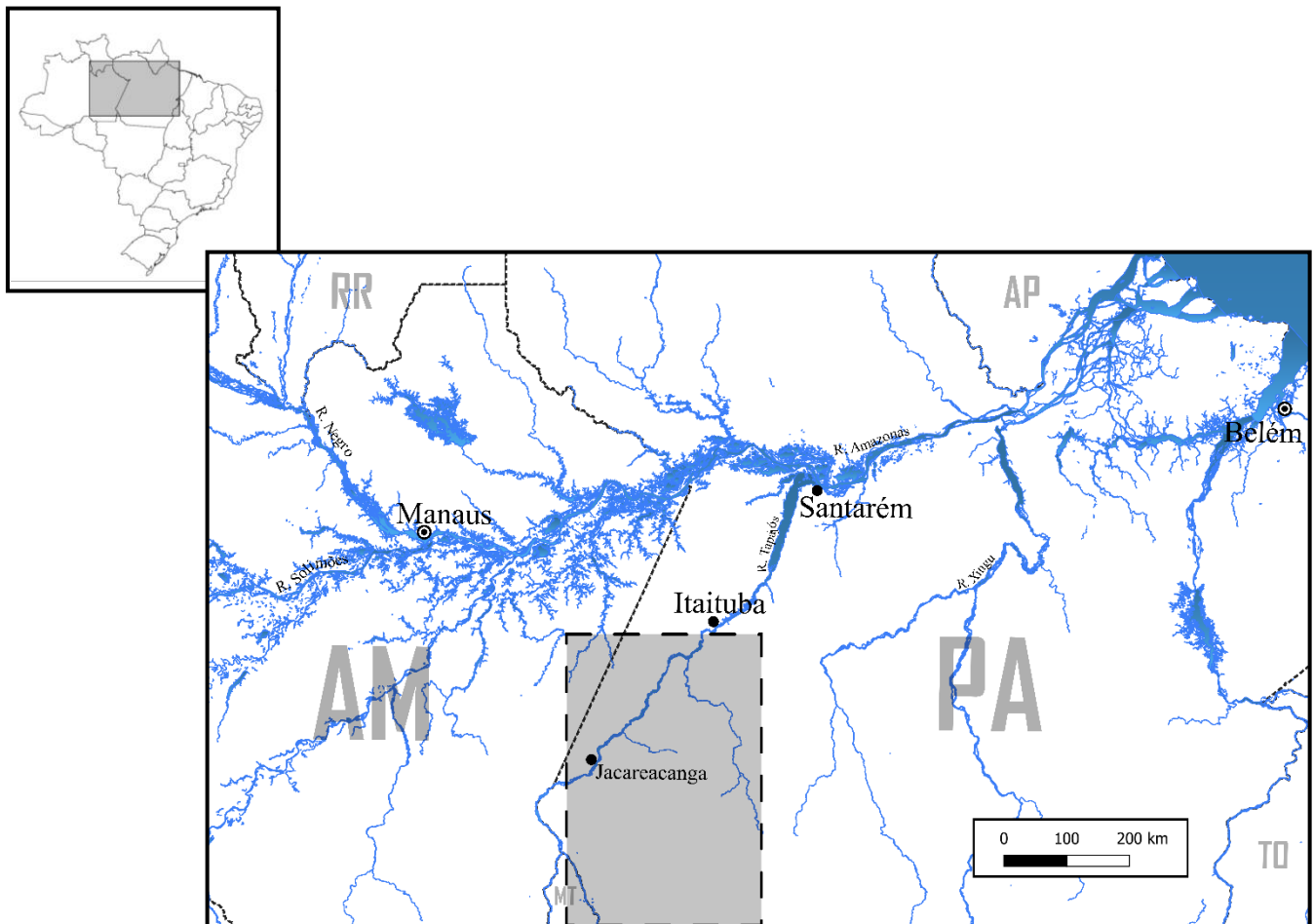
Nesse capítulo vou apresentar histórias dos tempos antigos, que contam como a guerra começou. Os velhos sábios contam que foi com o conflito entre os irmãos Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu que a guerra começou. Primeiro, Karo Daybi aprendeu com Moreko Doibu, que tinha habilidade nas mãos, a cortar a cabeça dos seus inimigos: porque ele nunca tinha sorte na caça, ao contrário de seu irmão Yori Cuḡ'pu, que sempre caçava muitos animais. Depois, a guerra começou mesmo porque Yori Cuḡ'pu abusou da esposa de Karo Daybi. Nesse tempo, o conflito era apenas entre os dois irmãos.

Foi no tempo de Wako Borun que o conflito se generalizou, e a guerra passou a ser entre o pessoal de *wakopadika*, a aldeia de Karo Daybi, e o pessoal de *waoda duk*, a aldeia de Yori Cuḡ'pu. Wako Orebu, o irmão de Wako Borun, foi morto pelos *ajebuyxi'yu* (chefes) de *waoda duk*, Yḡeybu Bõnbõn, Aje Pirẽmrẽm, Sa e Suyre Suyre. Então Wako Borun comandou uma expedição de guerra para vingar a morte do irmão. Depois disso, a guerra se generalizou.

Tempos depois, aparecem os *deíwat*, outros povos bravos, guerreiros. Quando Yori Cuḡ'pu fundou sua aldeia chamada de *oro koyok*, quando ele foi para outro lugar para ficar longe de seu irmão Karo Daybi, ele descobriu outros povos no mato: Maué, Apiaká e Kayabi. Eles viviam escondidos em uma caverna, não tinham aldeia. Eles comiam carne crua, por isso foram chamados de *parí bidoidoi*. Depois vieram também os Kayapó, que são descendentes de *waodaduk wat* (“o pessoal de *waoda duk*”, que era a aldeia de Yori Cuḡ'pu) – já nós, Munduruku, somos descendentes de *wakopadi wat* (“o pessoal de *wakopadika*”, que era a aldeia de Karo Daybi). Os Kayapó foram os maiores inimigos dos Munduruku. Mas, depois de muitas guerras, eles resolveram viver em paz. Surgiram também muitos outros povos, que se espalharam por todo Brasil: alguns foram criados por Karo Daybi, outros por Yori Cuḡ'pu. Foi assim que surgiram todos os outros povos. Com esses povos os Munduruku viviam em guerra, brigavam por poder e disputavam território. E os Munduruku cortavam suas cabeças, como era de sua cultura. Essas são histórias reais, fatos que aconteceram há muito tempo. Elas contam como os Munduruku aprenderam a guerrear e a cortar a cabeça de seus inimigos: por isso os Munduruku se tornaram caçadores de cabeça (*a'uk uk*). São histórias muito importantes.

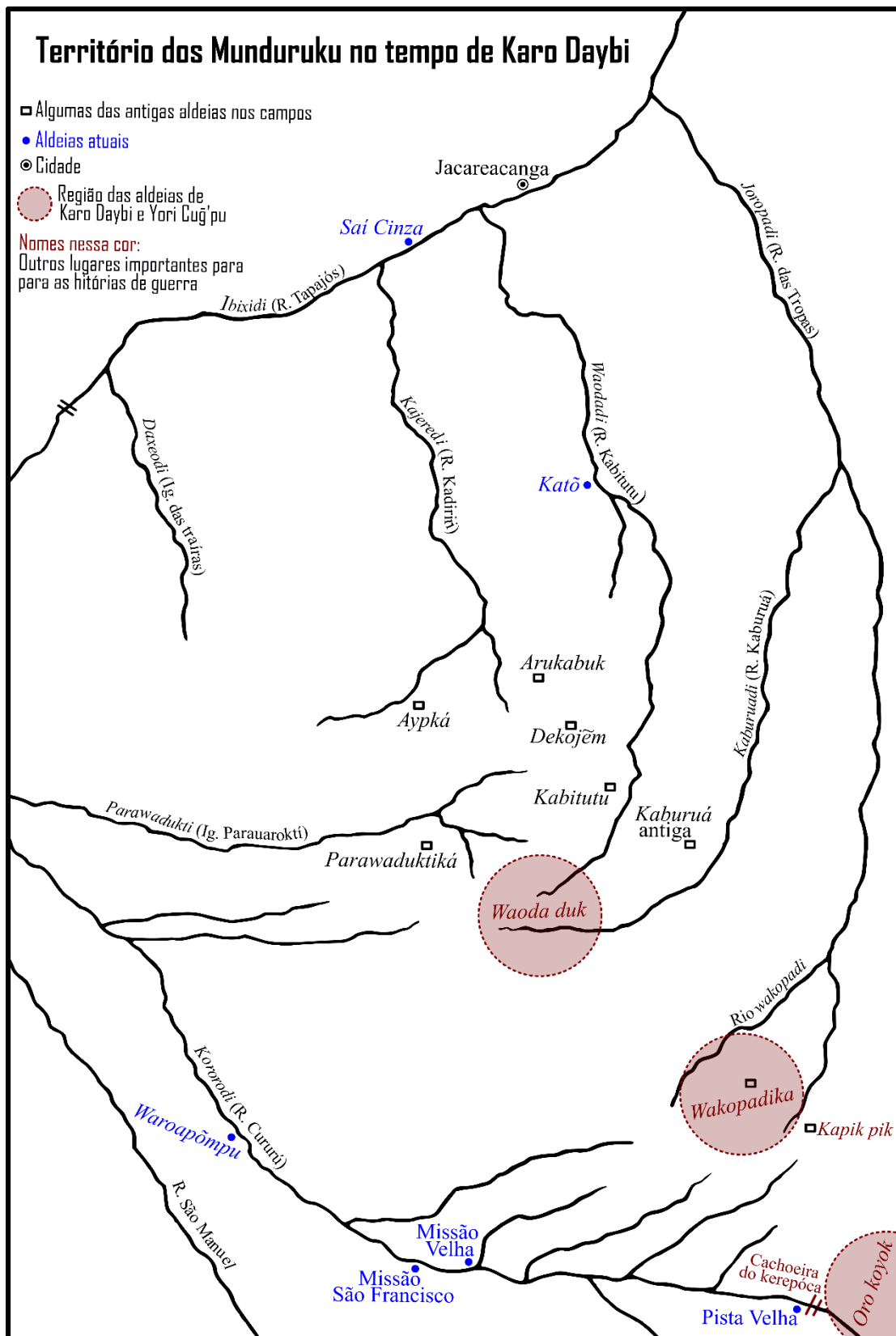
Karo Daybi cortava a cabeça de seus inimigos para servir de troféu e trazer sorte na caçada. Então, ele deixou esse conhecimento para os Munduruku atuais, que se utilizaram dessas habilidades em suas caçadas e passaram a usar as cabeças dos inimigos, depois dos animais, para trazer sorte.

Mapa 01:
Localização geral do território munduruku



Fonte: Elaboração própria, base de dados IBGE.

Mapa 02



Fonte: Elaboração própria, adaptado de Murphy & Murphy (1954: 11)

2.1 O ensinamento de Mureko Doibu

O primeiro conflito do Daybi começou no rio *wakopadi*. Foi lá que aconteceu a separação entre os irmãos Yori Cuḡ'pu e Karo Daybi. Yori Cuḡ'pu se mudou dessa aldeia, porque ele e seu irmão estavam sempre se desentendendo.

Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu eram dois grandes líderes da região de *wakopadi*¹.

Karo Daybi sempre caçava com seus dois irmãos. Seus irmãos ficavam no meio do caminho para caçar paca, mas Karo Daybi seguia sozinho dizendo que ia fazer visita na aldeia de seu irmão Yori Cuḡ'pu. Mas ele não fazia visita. Ficava escondido observando as pessoas da aldeia passarem, porque ele queria cortar a cabeça de alguma mulher. Karo Daybi sabia caçar os animais do mato, como macaco, inhambu, paca, caititu, só bichos pequenos, mas não tinha muita sorte na caça. Já seu irmão Yori Cuḡ'pu matava muitos animais. Por isso Karo Daybi pensou em matar uma pessoa do povo do seu irmão: “Com certeza, se eu cortar a cabeça de alguém do pessoal dele, vai me trazer sorte na caça”. Por isso ele estava escondido olhando as mulheres. Mas não conseguia matar nenhuma. Quando o bando de mulheres² foi para a roça, ele estava esperando que uma passasse sozinha para pegá-la, mas elas andavam sempre em grupo. Depois esperou elas voltarem da roça, mas nenhuma mulher passou sozinha, nem na ida nem no retorno da roça.

Mureko Doibu viu Karo Daybi observando as mulheres e se aproximou:

- “O que você está fazendo?”

- “Não, não estou fazendo nada, só observando as mulheres passando”, respondeu Karo Daybi.

Mureko Doibu era uma cobra sucuri que se transformava em gente! Ele era um grande líder dos animais, *aje buyxixi* dos animais. Antigamente não se podia chamá-lo de *puyxiri*, “sucuri”, porque ele ficava bravo. Ele gostava de ser chamado de *aje buyxixi*, “chefe”, ou *ajojot*, “meu avô”. Ele era muito poderoso, era como um mestre de saberes; foi ele quem ensinou o choro para os Muduruku; foi ele quem ensinou como fazer os artesanatos; foi ele quem ensinou a pintura corporal; foi ele quem ensinou a plantar o caroço do buriti, do açaí e das outras palmeiras; e muitas outras coisas. Ele tinha muita habilidade nas mãos. Ele sabia como não cortava as cabeças dos animais, ele cuidava

¹ Nesse tempo ainda não existia a palavra Munduruku, eles eram chamados de *wakopadiwat*. As pessoas desse tempo se chamavam de *wakopadiwat* porque, na cabeceira dos rios que eles moravam, haviam muitas árvores *wakopa* (jequitibá). Por isso eles se chamavam de *wakopadiwat*, que quer dizer que eles nasceram e cresceram nessa região. A aldeia de Karo Daybi se chamava *wakopadika*.

² As mulheres não andavam sozinhas, sempre em grupo. Elas andavam em fila, parecendo uma vara de queixada.

deles. Mas tinha conhecimento, e por isso sabia como poderia fazer para cortar a cabeça.

Mureko Doibu voltou, e Karo Daybi ficou lá, mas não conseguiu pegar nenhuma mulher. Enquanto isso, os dois irmãos de Karo Daybi estavam caçando paca, mas eles não mataram nada. Porque Karo Daybi não os acompanhava na caçada, eles tinham má sorte. No dia seguinte, eles foram caçar de novo e, mais uma vez Karo Daybi deixou os dois e disse que ia visitar a aldeia de Yori Cuḡ'pu. Ele ficou observando as mulheres indo para a roça mas, de novo, não conseguiu pegar nenhuma. No terceiro dia, a mesma coisa.

Até que, no quarto dia, Mureko Doibu ficou com pena (*tadaibut*) de Karo Daybi e resolveu aparecer para ele, resolveu ensinar como deveria fazer³.

- O que você está fazendo, chefe?⁴, ele perguntou de novo.

- (Karo Daybi) Nada, eu só estava tentando cortar a cabeça de uma mulher.

- (Mureko Doibu) Assim você não vai conseguir, mas existe uma solução para isso!

- (Karo Daybi) Como eu posso fazer?

- (Mureko Doibu) Tudo é possível e nada é impossível. Tudo é possível, é só você se tratar com remédio!

- (Karo Daybi) O que eu faço?

- (Mureko Doibu) Faça o remédio com as formigas *namãmbé* e *darêbijoat*, se trate com ele, e depois vá para o mato testar para ver se você já está pronto. Vá no caminho onde as mulheres passam para ir para roça. Depois que elas passam, as formigas *namãmbé* sempre aparecem no caminho, comendo o cheiro da pegada das mulheres que acabaram de passar. As formigas *darêbijoat* aparece nos lugares onde as pessoas ficaram no mato, um acampamento, uma roça abandonada, para comer os restos de comida que elas deixaram por lá. Pegue uma, duas, três, pegue apenas três formigas de cada, não pode passar de três⁵. Você vai ficar um, dois, três dias se tratando, e logo eu chegarei pra ver se você já está preparado para aquilo que você está querendo fazer.

³ Mureko Doibu percebeu que o povo de Karo Daybi estava sofrendo por causa da fome, porque eles nunca tinham sucesso na caçada. Por isso ele fica com pena, porque a cabeça ia trazer sorte para a caçada.

⁴ Mureiko Doibu não chamava Karo Daybi pelo nome dele, chamava de *obuyxi*, que é uma forma curta de dizer *aje buixixi*, "chefe".

⁵ Porque, se ele pegasse mais, ele não pararia de arrancar a cabeça de mulheres. Talvez Karo Daybi ia gostar, mas isso ia causar um grande problema com Yori Cuḡ'pu e seu povo, pois logo ele iria saber quem estava cortando as cabeças. Por isso Mureko Doibu falou que ele só podia pegar três formigas, para não cortar muitas cabeças.

Então Karo Daybi foi caçar as formigas, e pegou três de cada, como Mureiko Doibu falou. Depois ele voltou e disse para seus dois irmãos: “vamos para casa, porque eu não matei nada”. No caminho da aldeia, Karo Daybi desviou de seus irmãos e foi para beira do rio. Lá, começou a fazer o tratamento (*jewedadan*). Ele macerou todas as formigas e misturou com cera de urucum, e pintou os lábios com essa mistura.

No terceiro dia, Mureko Doibu pensou: “Acho que hoje o chefe (*obuyxi*) já está pronto, eu vou lá ver”. Karo Daybi já estava escondido, olhando as mulheres passarem, quando Mureiko Doibu chegou.

Iria acontecer uma festa na aldeia de Yori Cuḡ’pu, por isso as mulheres estavam indo colher mandioca doce (*musudá*) e inhame (*poída*) na roça para fazer manicuéra para alimentar os convidados. Yori Cuḡ’pu enviou um mensageiro para convidar seu irmão Karo Daybi, mas ele negou e mandou sua mulher no lugar. Ele negou justamente para poder tentar cortar a cabeça de alguma mulher do povo de Yori Cuḡ’pu.

Depois de fazer o tratamento, Karo Daybi começou sua caçada. Ele estava escondido vendo as mulheres passar. Passou uma fila, passou outra, mas nunca uma mulher passava sozinha. Então, em um piscar de olhos, Mureko Doibu apareceu junto dele.

- “Observe bem a minha postura e os meus movimentos, vou te ensinar como se caça as pessoas”.

Mureko Doibu assoviou, *xêk xêk xêk*, imitando a batida de asas do grilo *aro bidadek*. Então a mulher ouviu e parou para observar se era realmente um grilo. Porque, antigamente, quando chegavam da roça e não tinha almoço em casa, as pessoas comiam esse grilo⁶. “Eu acho que é *aro*”, a mulher pensou. Quando ela saiu do caminho para observar se era um grilo, Mureko Doibu pegou-a braço, tampou sua boca e quebrou seu pescoço. Ele levou a mulher para dentro do mato e cortou sua cabeça.

⁶ Elas enrolavam um monte de grilos com folha de bananeira e assavam.

Ele pisou com a ponta do dedão no corpo da mulher e afundou ele para baixo da terra, fazendo-o desaparecer rapidamente. Não ficou rastro, nenhum sinal. Só ficou com a cabeça dela. Então Mureko Doibu começou a fazer o tratamento da cabeça. Primeiro cozinhou a cabeça, depois tirou os dentes e os miolos e deixou a cabeça no sol até ressecar. Mureko Doibu fez enfeites com pena de arara vermelha e colocou na orelha da cabeça. “Faça esse enfeite com a pena de arara vermelha, que é do seu clã⁷, porque você ainda vai derramar muito sangue”, falou para Karo Daybi. Mureko Doibu colocou a cabeça na ponta de seu cajado de bambu para enfeitá-lo. Karo Daybi viu todo o processo. Foi Mureko Doibu quem ensinou Karo Daybi a fazer o tratamento da cabeça. Então falou para Karo Daybi:

- É assim que se faz. Agora que eu já te ensinei, você vai fazer isso sozinho. Depois você faz o corpo desaparecer pisando com a ponta do dedão, assim.

Mureko Doibu foi embora para sua casa, levando a cabeça. Então Karo Daybi foi testar para ver se ele também conseguia. Ele se escondeu, imitou o grilo, atraiu uma mulher, matou-a e cortou sua cabeça. Daí ele voltou para encontrar seus irmãos, que estavam caçando.

Dessa vez, seus irmãos tinham matado muitas pacas. Karo Daybi chega e esconde a cabeça no meio das pacas, enquanto seus irmãos estavam se organizando para amarrar as presas em uma vara para transportá-las. Chegando na aldeia, muitas pessoas

Imagem 1: Guerreiro munduruku segurando a cabeça na ponta da vara de bambu, como Mureko Doibu ensinou Karo Daybi



Fonte: Spix & Martius, 1823

⁷ Karo Daybi era do clã da arara vermelha (*karo* é nome do animal e do clã).

se juntaram ao seu redor para olhar o resultado da caçada. Os irmãos disseram para os outros homens que ainda havia pacas no mato, e perguntaram se eles poderiam ir buscar. Eles saíram para buscar e a multidão, então, se dispersou. Os irmãos foram chamar as mulheres para tratar as pacas. Karo Daybi esperou que todos saíssem para tirar a cabeça do meio das pacas e escondê-la em sua casa. Durante a noite, Karo Daybi ficou sozinho, fingindo que estava tratando as pacas. Mas, na verdade, ele estava tratando a cabeça da mulher que ele matou: ele cozinhou, tirou os miolos, tirou os dentes e colocou a cabeça para secar.

No dia seguinte, ele chamou os irmãos para irem caçar de novo. Da mesma maneira, ele deixou-os caçando e disse que ia cumprimentar Yori Cuḡ'pu, mas era apenas uma desculpa para ir cortar a cabeça de outra mulher. Toda vez que havia uma grande caçada, quando se matava muitas presas, como quando havia alguma festa na aldeia, Karo Daybi se aproveitava para cortar a cabeça de uma mulher. Ele sempre escondia a cabeça no meio dos animais mortos, depois levava para sua casa para tratar a cabeça durante a noite, escondido. Quando ele juntou algumas cabeças secas, ele resolveu enfeitá-las com penas. As três primeiras cabeças ele enfeitou uma com pena de arara, outra com pena de mutum, e outra com pena de papagaio⁸. Ele usou as penas de mutum e papagaio apenas para variar um pouco, mas os enfeites deveriam ser feitos principalmente com a pena de arara.

2.2 A guerra de Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu

Sempre que havia festa em sua aldeia, quando se matava bastante caça, Yori Cuḡ'pu convidava seu irmão Karo Daybi, mas Karo Daybi sempre recusava. Yori Cuḡ'pu mandou seu irmão para fazer o convite a seu outro irmão, Karo Daybi.

- (Irmão de Yori Cuḡ'pu): *Pajé!*⁹

- (Karo Daybi): *Tapú!* Diga o que veio falar, para depois não dizer que tentou conversar comigo mas não conseguiu.

- (Irmão de Yori Cuḡ'pu): Eu te convidar para comer o couro¹⁰ dos animais que nosso *ajebuixi* caçou.

⁸ As três aves são do clã vermelho, por isso qualquer uma delas pode ser usada.

⁹ *Pajé* é uma palavra antiga, um termo respeitoso de cumprimento, como se a pessoa dissesse “bom dia”. O mesmo vale para a palavra *Tapú*, mas, nesse caso, a palavra só é usada por pessoas maduras para falar com pessoas jovens.

¹⁰ Antigamente, as pessoas só comiam caça moqueada. Quando já estava bem seca, rasgavam pedaços para comer com *xîn* (beijú). Não se tirava o couro para moquear, por isso ele chama Karo Daybi para comer o “couro” (*ixe'e*) da caça.

- (Karo Daybi): *Tapú!* Eu não posso ir, porque não posso deixar meus bichos de criação sozinhos. Da próxima vez eu vou. Mas não se preocupe, talvez minha esposa Xikirija possa ir no meu lugar. Vá e pergunte a ela.

O irmão de Yori Cuḡ'pu vai até a casa de Xikirija para convidá-la.

- (Irmão de Yori Cuḡ'pu): Eu vim trazer um convite para Karo Daybi, nosso *obuyxi* lhe convidou para comer couro de caça em nossa aldeia.

- (Xikirija): E o que meu marido respondeu?

- (Irmão de Yori Cuḡ'pu): Ele se desculpou por não poder ir e disse que eu viesse aqui para ver se você não poderia ir no lugar dele.

- (Xikirija): Tudo bem, eu vou. Mas não posso não posso ir amanhã, só depois de amanhã. Porque hoje vou colocar a mandioca de molho e amanhã vou preparar o beiju, depois eu vou.¹¹

O irmão de Yori Cuḡ'pu, então, volta até Karo Daybi.

- (Karo Daybi): O que Xikirija disse, *tapú?*

- (Irmão de Yori Cuḡ'pu): *Pajé*, ela aceitou. Ela disse que vai, mas não vai amanhã. Falou que vai colocar a mandioca de molho e depois fazer beijú, só depois vai para nossa aldeia.

Toda vez que Yori Cuḡ'pu matava caça, fazia esse convite a Karo Daybi. Mas ele sempre negava.

Toda vez que convidava Karo Daybi, Yori Cuḡ'pu mandava as mulheres para tirar mandioca doce e inhame na roça para fazer manicuéra, e sempre uma mulher sumia. Toda vez ele chamava seu irmão Karo Daybi, mas ele negava o convite e mandava sua esposa no lugar. Por isso Yori Cuḡ'pu começou a desconfiar do irmão. Então ele resolveu ir até a aldeia de Karo Daybi convidá-lo pessoalmente.

- (Yori Cuḡ'pu): *Pajé!*

- (Karo Daybi): *Pajé!*

- (Yori Cuḡ'pu): *Obuyxi*, eu vim te convidar para ir à minha aldeia comer o couro dos animais de caça que eu mantei.

- (Karo Daybi): Eu não posso ir, *obuyxi*, porque eu não sou bem vindo na sua aldeia¹².

- (Yori Cuḡ'pu): Não, venha mesmo assim.

¹¹ Como ela estava sendo convidada, não podia chegar na aldeia de Yori Cuḡ'pu de mãos vazias.

¹² Karo Daybi já desconfiava que o pessoal de Yori Cuḡ'pu já sabia que era ele quem estava fazendo as mulheres sumir.

- (Karo Daybi): Ouvi dizer que *deíwat*¹³ (povos inimigos) foi naquela direção, no rumo da sua aldeia - mudou de assunto, tentando jogar a culpa sobre os *deíwat*.

Como o irmão ficava mudando de assunto e não aceitava seu convite, Yori Cuḡ'pu foi embora. Da próxima vez, mandou novamente um mensageiro para convidá-lo e, de novo, ele negou e mandou sua esposa Xikirija no lugar. Quando ela chega na aldeia, Yori Cuḡ'pu lhe pergunta porque Karo Daybi não veio.

- (Yori Cuḡ'pu): *Tũ'ũ*¹⁴!

- (Xikirija): *Pajé!*

- (Yori Cuḡ'pu): Porque o *obuyxi* não veio?

- (Xikirija): Ele não veio porque tinha que alimentar os animais de criação.

Yori Cuḡ'pu ficou com raiva porque seu irmão sempre arrumava alguma desculpa para não ir. Então ele resolveu se vingar. Ele reuniu os homens para atacar a esposa de Karo Daybi, que tinha ido em seu lugar: arrastaram Xikirija e todos os homens fizeram sexo com ela, depois arrancaram os pelos de sua vagina. E mandaram ela embora. Eles queriam que Karo Daybi ficasse com raiva e viessem até eles, que já estavam preparados para matá-lo.

Karo Jepõm vinha caminhando, chorando, chegando em sua aldeia. As pessoas escutaram seu choro, e sabia que alguma coisa tinha acontecido. Ela foi direto para casa e contou para Karo Daybi o que aconteceu. Karo Daybi já sabia, mas não disse nada. Xikirija estava com muitas dores, então ficou de repouso. No outro dia, as pessoas da aldeia começaram a chegar na casa deles para visitar - estavam curiosas para saber o que tinha acontecido. Karo Daybi, então, pede para que Xikirija faça vinho de buriti para oferecer às visitas. Quando chegava uma pessoa, ela oferecia vinho de buruti, mas sempre encolhida para não mostrar sua vagina sem pelos¹⁵. As pessoas foram percebendo, e começaram a perguntar para Karo Daybi se ele iria se vingar de yori Cuḡ'pu por conta do que ele fez com Xikirija. Mas Karo Daybi só ria, dizendo que não iria fazer nada.

Yori Cuḡ'pu estava desconfiado de Karo Daybi, de que era ele quem estava fazendo as mulheres desaparecer. Estava desconfiado também porque os irmãos de Karo Daybi agora sempre matavam muitos animais na caçada. Antes, só Yori Cuḡ'pu matava

¹³ Antigamente, os povos inimigos eram chamados de *deíwat*, não de *pariwat*. Só depois que os brancos apareceram que passaram a ser chamados de *pariwat*. Os outros povos não munduruku ainda são chamados de *deíwat*.

¹⁴ Palavra da língua antiga para se referir a uma mulher.

¹⁵ Os pelos protegiam a vagina da mulher, do mesmo modo como os homens usavam estojo peniano de palha de inaja ou buriti para proteger o pênis. Por isso ela estava envergonhada, com a vagina à mostra.

muita caça. Por isso ele estava desconfiado, e com raiva de seu irmão. Então ele resolveu ir até a aldeia de Karo Daybi para se vingar.

- (Yori Cuḡ'pu): Pajé!

- (Karo Daybi): Pajé!

- (Yori Cuḡ'pu): *Ubuxi*, ouvi dizer que tem muito buriti nessa época, que está até espumando. Então eu vim tomar vinho de buriti feito pela minha sobrinha.

- (Karo Daybi): Tudo bem, vou pedir para elas buscarem buriti para fazer.

Karo Daybi, então chama sua filha Karo Jepõm diz: “Vá com as mulheres buscar buriti para fazer vinho para seu tio tomar.” “Tudo bem, estamos indo buscar buriti”, sua filha respondem. Elas foram buscar Buriti na ilha chamada de Wero Koyok, que fica no rumo da antiga aldeia Kapik Pik. Já era por volta do meio dia, e o buritizal era bem longe. Elas foram. Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu ficaram conversando por horas, esperando as mulheres chegarem.

- (Yori Cuḡ'pu): *Ubuxi*, abra uma picada no mato para a gente caçar - A intenção de Yori Cuḡ'pu era matar Karo Daybi, por isso ele queria levar o irmão para o mato..

- (Karo Daybi): *Obuyxi*, para que lado vamos abrir essa picada?

- (Yori Cuḡ'pu): Eu acho que para cá é bom, *obuyxi*, ouvi dizer que nessa direção tem muito rastro de caça.

- (Karo Daybi): Tudo bem.

Mas logo em seguida ele arruma uma desculpa para não ir, porque ele estava desconfiado da intenção de Yori Cuḡ'pu.

- (Karo Daybi): *Obuyxi*, meu pé está machucado, por isso eu não vou conseguir ir com você.

- (Yori Cuḡ'pu): Tudo bem, *obuyxi*. Então eu vou no mato cagar.

Yori Cuḡ'pu se levanta bem devagar, como se estivesse mesmo com vontade de cagar - ele não queria que Karo Daybi desconfiasse. Como ele não conseguiu matar Karo Daybi, ele resolveu ir atrás das mulheres.

Passou um tempo e Karo Daybi desconfiou, porque o irmão estava demorando muito para cagar. Então, ele mandou Waxo Kit'pu, um homem de um clã aparentado¹⁶, seguir as mulheres e ver se estava tudo bem com elas. Quando Waxo Kit'pu saiu para o mato, ele viu as pegadas Yori Cuḡ'pu, percebeu que ele saiu correndo atrás das

¹⁶ Karo Daybi era do clã Karo (arara vermelha), e Waxo Kit'pu era do clã Waxo (macaco zougue-zougue rabo de fogo, *callicebus miltoni*). Os dois clãs são vermelhos, por isso chamei de “clãs aparentados”.

mulheres. Waxo Kit'pu correu atrás dele, mas não conseguiu alcançar: Yori Cuḡ'pu era mais rápido.

Yori Cuḡ'pu tinha muitos poderes - sabia mexer com tempo, e se transformava em onça e em morcego, animais predadores. Era assim que ele caçava, não era com arco, nem com borduna. Ele fazia o tempo fechar e se transformava em onça ou em morcego, e assim ele matava os animais. Mas Karo Daybi e seu pessoal não sabiam que ele caçava assim. Foi Waxo Kit'pu quem descobriu, pois as pegadas de Yori Cuḡ'pu no mato começavam como pegadas de gente, mas logo se transformavam em pagadas de onça.

Quando Yori Cuḡ'pu avistou as mulheres, ele fez escurecer, armando um tempo de chuva - Yori Cuḡ'pu tinha o poder de mexer com o tempo. Daí ele transformou um bicho e matou todas as suas sobrinhas, cortou e comeu suas cabeças. Quando Waxo Kit'pu chegou no lugar, ele viu os corpos todos no chão, com as cabeças cortadas. Nenhuma mulher tinha escapado. Então ele volta e conta para Karo Daybi o que ocorreu. Karo Daybi ficou com raiva, e mandou os homens da sua aldeia para matar de Yori Cuḡ'pu.

Yori Cuḡ'pu sabia que Karo Daybi iria mandar seu pessoal para vingar a morte de sua filha e das outras mulheres. Por isso ele abandonou sua aldeia e fez uma nova, acima da cachoeira do kerepóca, nas cabeceiras do rio Cururu. Essa aldeia nova se chamava Oro Koyok, bem próxima de Kapik Pik, que é outra aldeia munduruku antiga. Por isso o pessoal de Karo Daybi não o encontrou.

Bastante tempo se passou, Karo Daybi já tinha se acalmado. Então Yori Cuḡ'pu resolveu ir novamente na aleia de seu irmão. Ele foi desarmado, para ninguém desconfiar de sua intenção, que era matar Karo Daybi.

- (Yori Cuḡ'pu): *Pajé, obuyxi!*

- (Karo Daybi): Pajé! Diga, *obuyxi*, o que te traz aqui?

- (Yori Cuḡ'pu): Eu vim atrás de tinta¹⁷, porque minha filha não conseguiu terminar de tatuar seu rosto. Ela já tatuou o queixo, mas ainda falta tatuar a parte de cima da boca e da maçã do rosto - mas ele estava mentindo, sua filha já tinha terminado a tatuagem, era só uma desculpa para ir até a aldeia de Karo Daybi e tentar matá-lo.

- (Karo Daybi): Tudo bem, *obuyxi*, vou pegar a tinta para você.

¹⁷ *Wexik ti*, era a tinta usada para fazer as tatuagens permanentes, feita a partir do cozimento da casca da árvore *wexik tiḡ*.

Karo Daybi fingiu que estava tudo bem, mas queria aproveitar o momento para se vingar pela morte da sua filha e das outras mulheres da aldeia. Ele entrou na sua casa e tocou uma flauta, cujo som se parece com um assovio, dando um sinal para chamar os outros homens. Os homens da aldeia, então, se reúnem na casa de Karo Daybi.

- (Karo Daybi): Vamos aproveitar para matar ele, chegou a nossa hora. Vamos cozinhá-lo para fazer um caldo.

Depois, Karo Daybi volta e fica conversando com Yori Cuḡ'pu.

- (Yori Cuḡ'pu): *Obuyxi*, eu queria te levar para passear na minha aldeia.

- (Karo Daybi): Não, *obuyxi*, eu não posso ir, mas tem outras pessoas querendo ir com você.

- (Yori Cuḡ'pu): Não, eu não vim convidar outras pessoas, vim convidar você, *obuyxi*.

Karo Daybi vai pra sua casa e Yori Cuḡ'pu fica sozinho. Então sua sobrinha, filha de Karo Daybi, chega para alertá-lo: “*ojodit* (meu tio), eles vão te matar e vão cozinhar o senhor para fazer um caldo e comer com beijú”. Karo Daybi escutou, e falou para sua filha:

- (Karo Daybi): Entra para dentro de casa, porque se não você pode tropeçar nas minhas tripas¹⁸.

Yori Cuḡ'pu ficou alerta, e começou a procurar um jeito de ir embora. Mas Karo Daybi ficou enrolando, fingindo que estava procurando as pessoas para acompanhar Yori Cuḡ'pu de volta para sua aldeia. Mas, na verdade, Karo Daybi estava avisando os guerreiros que era a hora de atacar. Então ele fala:

- (Karo Daybi): Está bem, *obuyxi*, tem algumas pessoas que vão com você, para te acompanhar.

Na verdade, essas pessoas não iam para acompanhá-lo. A intenção era aproveitar a viagem para matar Yori Cuḡ'pu no meio do caminho. Passado algum tempo, Yori Cuḡ'pu pergunta novamente:

- (Yori Cuḡ'pu): *Ubuxixi*, e a tinta?

- (Karo Daybi): Ah, sim, *obuyxi*! Vou pegar a tinta para você.

- (Yori Cuḡ'pu): Sim, *obuyxi*, eu vou querer. Traga também o potinho de cerâmica¹⁹.

¹⁸ Karo Daybi quer dizer que, se Yori Cuḡ'pu o matasse, ele certamente iria tirar suas vísceras, porque Yori Cuḡ'pu gostava de comer o coração e o fígado da caça. Então as tripas ficariam no chão e, ao correr, sua filha poderia tropeçar, cair e, assim, não conseguiria, Yori Cuḡ'pu poderia matá-la também.

Karo Daybi busca a tinta e entrega para seu irmão: “Está aqui, *iobuyxi*”.

Eles ficam conversando mais um pouco, e então Yori Cuḡ’pu inventa uma desculpa para tentar fugir.

- (Yori Cuḡ’pu): *Obuyxi*, estou apertado, eu lá atrás da casa dos homens para mijar.

Quando ele chegou atrás da casa dos homens, Yori Cuḡ’pu passou a ponta do dedo na tinta preparada pela sua sobrinha e apontou para o sol; então, o tempo escureceu rapidamente. Era para isso que ele queria a tinta. Depois voltou para dentro da aldeia e continuou conversando com Karo Daybi. Ele estava se preparando para fugir. Quando o tempo escureceu, todos os homens entraram para suas casas, e ficaram só Yori Cuḡ’pu e Karo Daybi conversando. Eles ficaram lá, conversando por horas. Até que eles escutaram um morcego vermelho (*mureopak*) gigante dando o sinal com seu assobio e batendo suas asas, *suḡ suḡ suḡ*.

- (Yori Cuḡ’pu): *Obuyxi*, estamos numa situação complicada, esse morcego é perigoso!

- (Karo Daybi): Sim, *obuyxi*, estamos numa situação complicada mesmo.

Mas foi Yori Cuḡ’pu que chamou o morcego, porque ele não uma pessoa normal; ele era pajé bravo (*ibukay pat’at*), por isso ele se transformava em morcego vermelho. Como Karo Daybi não estava com medo, mesmo estando tudo escuro, ele atraiu o morcego vermelho para tentar assustar Karo Daybi e, assim, ter a oportunidade de fugir.

- (Karo Daybi): *Obuyxi*, pegue um pedaço de taboca, corte ele ao meio e vire ao contrário. Com isso eu vou limpar o tempo, fazer o céu clarear.

Yori Cuḡ’pu cortou taboca, fez como o irmão pediu e trouxe para ele. Karo Daybi fumou e assoprou, fumaça na taboca e, assim, transformou-a em um objeto pontudo, bem afiado. Quando estava pronto, Karo Daybi conversou com esse objeto, deu instruções para ele clarear o tempo, espantando, assim o morcego. Ele jogou o objeto para cima, e o céu logo clareou.

Yori Cuḡ’pu viu tudo e ficou com medo. O tempo começou a clarear e Karo Daybi foi entrando para sua casa. Yori Cuḡ’pu percebe que era sua chance de fugir.

- (Yori Cuḡ’pu): Eu já vou indo, *ubuxi*.

¹⁹ *Waé pot’a* e, era um potinho de cerâmica usado para guardar a tinta de tatuagem.

- (Karo Daybi): Não, *obuyxi*, espere, tem pessoas que vão com você, pra te acompanhar.

- (Yori Cuḡ'pu): Então vá chamá-los, para a gente ir.

- (Karo Daybi): Tudo bem, vou chamar eles.

Karo Daybi entra e vai avisar os guerreiros que estava na hora de atacar Yori Cuḡ'pu.

Yori Cuḡ'pu levantou e foi saindo devagar, fingindo que estava com o pé machucado. Quando Karo Daybi estava distante, enrolou penas de arara nas pernas²⁰ e saiu devagarinho. Quando se distanciou uns 20 metros da aldeia, Yori Cuḡ'pu correu o mais rápido possível. Karo Daybi chamou seus guerreiros, *poroxik i!* (Vamos lá!). Mas Yori Cuḡ'pu já tinha escapado, correu para bem longe. Os guerreiros tentam alcançar, mas já era tarde. Pelo caminho, viam apenas as pegadas de Yori Cuḡ'pu. Mas eles não quiseram seguir adiante, porque imaginaram que os guerreiros de Yori Cuḡ'pu estariam esperando por eles no caminho. Mas na verdade não, isso era um acerto de contas entre irmãos, não envolvia todos os guerreiros.

Yori Cuḡ'pu conseguiu fugir, mas, por precaução, levou seu pessoal de Oro Koyok para outro lugar, abriu uma nova aldeia. Ninguém sabe onde fica essa aldeia.

A briga entre os irmãos não iria parar. Por isso o pessoal de Karo Daybi se dispersou, foram para muitos lugares. Karo Baun' pu, irmão de Karo Daybi, levou seu pessoal para o oeste, rumo ao sol poente. Poxo Dicuḡ'suḡ, cunhado de Karo Daybi²¹, levou seu pessoal para o leste, rumo ao sol nascente.

2.3 A história de Wako Borun²²

Wako Borun era uma mulher guerreira, muito respeitada, era uma chefe das mulheres (*ibuixiat*). Ela e seu irmão Wako Oribu eram do pessoal de Karo Daybi e moravam em *wakopadika*. Wako Oribu era um grande artesão, fazia peneira, tipití, enfeites de pena de arara vermelha (por ele era do clã *wako*, que é vermelho como o clã *karo*, de Karo Daybi), muitas coisas. Ele sempre andava, visitando outras aldeias. Em todo lugar que chegava, era bem recebido. Ele ia para a *uk'sa* (casa dos homens), que

²⁰ Nesse tempo, quando iam para um lugar muito distante, as pessoas viravam alguma ave para chegar mais rápido. Por isso Yori Cuḡ'pu amarrava as penas de arara nas pernas, para fugir muito rápido.

²¹ Ele era casado com a irmã de Karo Daybi.

²² Uma versão muito resumida dessa história foi registrada por Rosamaria Loures (2017: 26).

servia para abrigar pessoas que chegavam de outras aldeias, como artesãos, xamãs, *ajebuixixi* (os chefes), qualquer pessoa que chegava para visitar²³.

Um dia Wako Orebu resolveu ir para a aldeia de Yori Cuḡ'pu, *waodadi ka*, para fazer artesanato. Quando ele chegou, foi caminhando até a *uk'sa*, armou a rede e deitou para descansar e enrolou um cigarro. Uma mulher o viu e pediu para seu filho ir ver quem era que tinha chegado. O menino foi correndo. Subiu em cima de um toco de árvore para olhar quem era; Wako Orebu viu que ele estava olhando e o chamou:

- (Menino): Wako re, você chegou?

- (Wako Orebu): Sim, cheguei. Venha aqui, acenda esse cigarro para mim!

- (Menino): Não, isso não é comida!

O menino pensou que era comida, para colocar no fogo, mas era. Ele ficou com raiva de Wako Orebu e se recusou a acender o cigarro, porque cigarro é proibido para os meninos - Wako Orebu não poderia ter feito aquilo. Depois saiu andando, foi embora. Wako Orebu não gostou do comportamento do menino: pegou um pedaço de lenha e tacou contra ele. A lenha pegou na nuca do menino, bem em cheio, e ele caiu.

- (Wako Orebu): Não, eu só estava brincando com você.

Wako Orebu se levantou e foi ver o menino, mas, infelizmente, ele já estava morto. Pegou o corpo e levou para dentro da *uk'sa*. Logo a mãe do menino começou a procurar o filho, mas não achou. Até que outra mulher falou: “Eu vi ele brincando na *uk'sa* com Wako Orebu, que estava pedindo para ele acender seu cigarro. Deixa o pai dele chegar” - ela viu quando Wako Orebu tacou o pedaço de lenha no menino, mas não sabia que ele tinha morrido. O sol estava baixando, mas o pai do menino ainda não tinha chegado da caçada. Outro homem estava chegando, trazendo bambuzinho de fazer flecha. A mulher contou para ele o que tinha visto e falou: “vá lá na *uk'sa* ver o que aconteceu com o menino”. O homem deixou seus bambuzinhos no chão e foi. Quando chegou na *uk'sa*, ele viu o corpo do menino no chão, e perguntou para Wako Orebu: “O que aconteceu com o menino?” Wako Orebu mentiu, tentando esconder o que tinha acontecido de verdade.

- (Wako Orebu): “Esse menino está me deixando envergonhado. Quando eu cheguei, ele veio me cumprimentar, depois ele morreu de repente”.

²³ Como disse Jairo Saw Munduruku, “antigamente não tinha hotel”. Então, quando chegava em uma aldeia, a pessoa ia dormir na *uk'sa*, mesmo que ela tivesse parentes naquela aldeia. A *uk'sa* servia para isso, também. Só os homens. As mulheres não costumavam andar para outras aldeias, porque era perigoso.

O homem percebeu que Wako Orebu estava mentindo, porque ele viu o pedaço de lenha ao lado do menino caído. Então dois outros homens chegaram. Eles começaram a conversar:

- “Vamos matar o Wako Orebu!”

- “Não, deixa o pai dele chegar, aí a gente resolve o que fazer com ele”.

Os dois homens ficam cochichando, falando mal de Wako Orebu, que tinha matado o menino. Mas uma mulher escutou. Ela estava apaixonada por Wako Orebu, que não queria nem saber dela. Por isso ela contou para ele: “Os guerreiros estão querendo te matar, Wako re”.

Wako Orebu, então, resolveu fugir. “Eu estou com vontade de mijar”, ele disse para os guerreiros que estavam ali. Ele saiu por traz na *uk’sa*... e fugiu! Ele foi para a aldeia de Karo Daybi. Quando chegou, foi diretamente na casa de Karo Daybi e contou o que tinha acontecido. Karo Daybi só escutou, não disse nada.

Pouco tempo depois que Wako Orebu tinha fugido, o pai do menino chegou da caçada. Os três guerreiros foram logo falar com ele: “Wako Orebu matou nosso filho!”, e contaram em detalhes o que tinha acontecido. O pai do menino ficou bravo e disse:

- “Wako Orebu não nem aparecer por aqui! Se ele aparecer, nós vamos matar e comer ele!”

Alguns anos se passaram, e eles resolveram ir atrás de Wako Orebu para finalmente se vingar dele. Eles conversaram e combinaram como iriam fazer: “Vamos preparar comida, mingau de *dao*²⁴, manicuéra”. Juntaram pena de arara, depois disseram:

- “Vamos para a aldeia de Karo Daybi buscar o Wako Orebu. Somente ele sabe fazer capacete de pena de arara vermelha.”

²⁴ *Dao* é uma planta com folha grande (parecido com taioba) que antigamente se platava nas roças, ou no terreiro de casa, próximo das aldeias. O mingau é feito com *dao* misturado com leite de castanha. Geralmente é feito para comer com carne seca. Eles queriam preparar esse mingau para comer com a carne de Wako Orebu.

Imagem 2: Capacete de penas, como o que Wako Orebu fazia



Fonte: Weltmuseum Wien 1255, Coleção Johann Natterer (Scholotauer, s/d, p. 1)

No dia seguinte, dois guerreiros partiram em direção à aldeia de Karo Daybi. Chegando lá, foram direto até a casa de Wako Orebu.

- (Guerreiros): “Wako re²⁵, nós viemos te buscar”

- (Wako Orebu): “Para que?”

- (Guerreiros): “Para fazer capacetes de pena de arara vermelha”.

- (Wako Orebu): “Está bem, eu vou.”

Wako Orebu sabia que queriam matá-lo, em vingança pela morte do menino. Mesmo assim ele aceitou ir. Ele chamou o pessoal de sua aldeia para irem junto, mas eles perguntaram: “Você vai mesmo?”

- (Wako Orebu): “Eu vou sim, não tenho de ir para fazer os capacetes de pena de arara, eu já deixei um capacete com as penas selecionadas” - mas ele estava mentido, ele queria que as pessoas se oferecessem para ir junto com ele. “Vamos comigo”, ele insistiu. “Quando nós viajamos, comemos muitas coisas, ossos²⁶, xibé, mingau de castanha e outros alimentos que nos oferecem”.

Então várias pessoas resolveram ir com ele, ele não foi sozinho para a aldeia de Yori Cuḡ’pu. Os guerreiros que vieram lhe convidar voltaram na frente e deram a notícia:

- “Wako Orebu está trazendo muita gente para fazer artesanato com ele! O que vamos fazer?”.

Wako Orebu chega com seu pessoal, e todos vão para a *uk’sa*. Wako Orebu ficava sempre bem no meio do pessoal para se proteger, sempre de cabeça baixa, bem escondido. Por isso ninguém tinha certeza se ele tinha chegado, porque era difícil vê-lo no meio de tantas pessoas. Só os guerreiros o reconheceram. O pessoal de Wako Orebu chegou em um dia e descansou. Na manhã seguinte, já iniciaram o trabalho de confecção dos capacetes de pena. Os guerreiros ficavam de longe, cercando o pessoal de Wako Orebu dentro da *uk’sa*. Eram quatro guerreiros, seus nomes eram Igeybu Bõnbõn, Aje Pirẽmrẽm, Suyre Suyre e Sa. Então eles pedem para as mulheres:

- “Busquem *dao* para fazer mingau para a gente comer com a carne de Wako Orebu”.

Eles ficaram cercando a *uk’sa*, procurando uma brecha para flechar Wako Orebu, mas não conseguiam.

²⁵ As pessoas tinham o costume de chamar as outras por uma forma encurtada do nome, não pelo nome completo.

²⁶ Esse era o modo como os antigos falavam para dizer que as pessoas iriam comer carne de vários animais que os caçadores iriam matar.

- “Não, aqui não dá para matar ele, não dá mesmo. Porque se a gente matar outra pessoa, podem querer se vingar da gente, é arriscado (*wuyju yu'yu ma yaoka gungun ipereg̃*)” - era uma multidão trabalhando!

Então o pai do menino morto falou:

- “Não é difícil! Vamos matá-lo no porto do igarapé, quando eles estiverem tomando banho”.

Com o sol alto, os guerreiros foram até a *uk'sa* e convidaram os artesãos para fazer uma pausa. Então Wako Oribu falou para seu pessoal:

- (Wako Oribu): “Pessoal, vamos fazer uma pausa, vamos tomar um banho, está muito calor”.

Eles foram na direção do porto. Quando chegaram lá, entraram na água todos juntos, em bloco, com Wako Oribu bem no meio - seu pessoal não sabia, mas Wako Oribu estava fazendo aquilo para se esconder no meio deles. Os guerreiros estavam escondidos, mas não conseguiram flechar Wako Oribu. Depois do banho o pessoal da Wako Oribu voltou para a *uk'sa*.

No dia seguinte, aconteceu tudo do mesmo jeito. Eles começaram cedo a trabalhar na *uk'sa* e pararam para tomar banho no igarapé no meio dia. Os guerreiros ficaram escondidos mas não conseguiram flechar Wako Oribu. Todo o pessoal de Wako Oribu entrava na água junto; na hora de sair, de novo, todos saiam juntos, ninguém via Wako Oribu.

Os guerreiros, então, procuraram outra forma de separar Wako Oribu do seu pessoal, para poder flechar ele. Para evitar que eles terminassem seu trabalho com os capacetes de pena e fossem embora direto, disseram que iam fazer uma festa para mostrar os capacetes para todo mundo. Como ainda não tinha conseguido matar Wako Oribu, resolveram liberar o mingau de *dao* para a festa, imaginando que o pessoal de Wako Oribu se separaria para comer e, assim, conseguiriam uma oportunidade para flechá-lo.

- (Guerreiros): “Olha aí, Wako re, aí está o resultado do seu trabalho!”

- (Wako Oribu): “Olha aqui, meus meninos, o resultado do nosso trabalho! Viemos justamente fazer esse serviço com pena de arara, não viemos fazer outra coisa”, disse para as pessoas que foram junto com ele.

Wako Oribu continuou sempre no meio de seu pessoal, não se descuidou um minuto. Por isso os guerreiros não conseguiram flechar ele durante a festa. Então ele

chamou seu pessoal e foi embora, de volta para a aldeia de Karo Daybi. Os guerreiros não tiveram sucesso em matar ele.

Mas logo que chegou na aldeia de Karo Daybi, Wako Orebu já quis voltar novamente para a aldeia de Yori Cuḡ'pu.

- (Wako Orebu): “Eu vou voltar lá”, disse na frente do pessoal para ver se alguém animava de ir com ele. Mas ninguém disse nada. Então ele não foi.

Mas pouco tempo depois os quatro guerreiros resolvem chamar Wako Orebu novamente para ir fazer capacete de pena de arara na aldeia de yori Cuḡ'pu. Eles chegaram na aldeia e foram até a casa de Wako Orebu.

- (Guerreiros): “Wako re, nós viemos te buscar”

- (Wako Orebu): “Está bem, eu vou.”

Os guerreiros queriam que ele fosse sozinho. Mas, novamente, ele levou muitas pessoas com ele. Quando chegaram na aldeia de Yori Cuḡ'pu, as pessoas pensaram que ele tinha ido sozinho, todos saíram de suas casas para cumprimentá-lo: “*Pajé!*” E Wako Orebu respondia: “*Pajé!*”. No dia seguinte Wako Orebu fala para seu pessoal:

- (Wako Orebu): “Aqui, meus filhos, a pena de arara. É isso que nós viemos fazer, nós não viemos fazer outra coisa” - Ele falava assim para que ninguém saísse de perto dele, para que não ficasse desprotegido.

- “Sim, viemos justamente fazer isso, fazer capacetes de pena de arara”, responderam.

Wako Orebu fica todo o tempo no meio do seu pessoal, para não ser morto pelos guerreiros. Por isso eles não conseguiam flechar. Mais uma vez, os guerreiros mandaram as mulheres buscar *dao* para fazer mingau para comer com a carne do Wako Orebu. Novamente, tentaram matá-lo quando tomavam banho no igarapé, na hora do almoço. Mas não conseguiram. Todos eles tentavam, mas não conseguiam flechá-lo.

- “Não vamos conseguir matar Wako Orebu desse jeito!”

Então outro guerreiro fala que existe uma solução:

- “Não, não é tão difícil! Vamos fazer de outro jeito, mas deixar ele sem juízo!”

Resolveram juntar mais penas de arara para impedir que Wako Orebu terminasse o serviço e fosse embora. Saíram pela aldeia perguntando: “Quem tem pena de arara?” E as pessoas disseram:

- “Eu tenho!”

- “Eu tenho!”

- “Eu também tenho!”

Quando juntaram bastante pena de arara, um dos guerreiros falou:

- “Então está ótimo, já dá para enganar ele! Vamos deixar ele dormir”.

Wako Orebu foi dormir. Ao amanhecer do dia, Wako Orebu estava se preparando para ir embora. Quando estava saindo, apareceu um homem e disse:

- “Wako re, eu tenho mais penas de arara para você fazer capacetes!”

(Wako Orebu): “Está bem, mas vá buscar para mim”

- “Não, vamos juntos buscar!”, disse o homem.

O pessoal de Wako Orebu acompanhou ele - se ele fosse sozinho, certamente iriam matá-lo. Ao chegar na casa do homem, sua esposa disse:

- “Wako re, tome um pouco de mingau de *dao*. Sobrou mingau da festa, vocês não conseguiram tomar todo”.

- (Wako Orebu): “Não, não, ainda estou muito cheio”.

- “Não diga isso Wako re! Coma pelo menos um pouquinho!”, a mulher insistiu.

- (Wako Orebu): “Está bem, vou comer um pouquinho”. Ele e seu pessoal se serviram e tomaram um pouco do mingau. Então o homem entregou as penas para ele, e Wako Orebu foi embora.

Quando saíram da primeira casa e já estavam se aproximando da *uk'sa*, uma mulher apareceu e o chamou:

- “Wako Orebu, eu tenho penas de arara para você”.

- (Wako Orebu): “Está bem, traga para mim”.

- (Mulher): “Não, vamos juntos buscar!”

Então eles foram para a casa da mulher, buscar as penas. Ela, então, lhe ofereceu mingau.

- “Wako Orebu, tome um pouco de mingau de *dao*. Sobrou mingau da festa, vocês não conseguiram tomar todo”.

- (Wako Orebu): “Não, não, ainda estou cheio”.

- “Não, coma pelo menos um pouquinho!”, a mulher insistiu.

- (Wako Orebu): “Está bem, vou comer um pouquinho”.

Comeram, pegaram as penas e saíram. Quando estavam indo para a *uk'sa*, outra mulher o chamou, oferecendo penas. Novamente, ele foi, junto com seu pessoal, até a casa da mulher e ela também insistiu para ele tomar mingau. Mas algumas pessoas já estavam muito cheias, por isso não foram - o grupo de Wako Orebu foi reduzindo. Até que, quando a quarta mulher o chamou, só poucas pessoas se aprontaram para ir junto

com ele. Mas a mulher negou, disse que só tinha penas de arara para Wako Orebu. Então ele foi sozinho.

- (Wako Orebu): “Com licença” - e entrou na casa.

- (Mulher): “Sente-se, fique à vontade”.

- (Wako Orebu): “Não, vou ficar aqui em pé, mesmo”.

- (Mulher): “Tome um pouco de mingau”.

- (Wako Orebu): “Não, eu não quero tomar mais, já estou muito cheio, não aguento mais”.

- (Mulher): “Não diga isso! Tome pelo menos um pouquinho!”

- (Wako Orebu): “Então coloque na mesa que eu vou tomar só um pouquinho” -

Tomou o mingau e foi embora.

Wako Orebu demorou a voltar para a *uk'sa*. Seu pessoal estranhou:

- “Acho que Wako Orebu não vai nos levar embora hoje”

- “Eu vou na frente, porque eu preciso cagar”.

- “Eu vou na frente, eu também preciso cagar. Quando ele estiver na estrada, alcanço ele” - eles também estavam cheios de mingau.

Até que todo o pessoal de Wako Orebu foi embora. Esvaziaram a *uk'sa*, e ele ficou sozinho. Ele ficou preocupado e foi tentar se despedir, para ir embora. Então ele falou para o chefe da aldeia:

- (Wako Orebu): *Pajé!*

- (Chefe da aldeia): *Pajé!*

- (Wako Orebu): Com licença, eu já vou embora.

- (Chefe da aldeia): Tudo bem, mas não fique preocupado. Deite um pouco na sua rede. Descanse um pouco, depois você vai. A aldeia de vocês não fica longe daqui, é bem próximo!

- (Wako Orebu): Mas meu pessoal já foi embora e me deixou para trás, o que eu vou fazer?

- (Chefe da aldeia): Quando eles chegarem na aldeia, não vão preocupar as pessoas dizendo que você ficou para trás. Pode ficar tranquilo. Eles disseram que vão te esperar no meio caminho.

Então uma mulher chega até eles oferece mais mingau:

- “Ainda tem um pouco de mingau com leite de castanha que sobrou”.

(Wako Orebu): “Não, eu não quero mais, não estou mais aguentando!”

- “Tome só um pouquinho que você não vai se arrepender!”, a mulher insistiu.

- (Wako Orebu): “Está bem, vou comer só um pouquinho”

Quando Wako Orebu estava comendo o mingau, os guerreiros chegaram com suas flechas e começaram a atirar nele. Wako Orebu ouviu o estalo da corda do arco e rapidamente abaixou a cabeça. Então olhou para um lado, para o outro, e saiu correndo. Ele foi correndo e passou no meio de todo mundo, até dos guerreiros:

- “Lavai o índio brabo! (*deíwat*)” - eles gritavam, justificando que estavam tentando matar Wako Orebu porque ele fica espiando as pessoas dormindo - mas não era isso²⁷.

Todos estavam errando. Mas havia um grande atirador de flechas, chamado Iḡeybu Bõnbõn. Quando ele ouviu os gritos, ele estava na sua casa ajeitando suas flechas, colocando pontas de taquara: as flechas já estavam quase prontas. Os outros homens continuavam gritando

- “Olha lá uma pessoa correndo!”

- “Não deixem ele escapar, pessoal de *waoda duk*, não deixem ele escapar!²⁸”

Wako Orebu estava quase atravessando as casas e entrando na mata. Algumas pessoas já diziam: “O pessoal de *waoda duk* deixou o homem fugir!”

Quando ouviu isso, Iḡeybu Bõnbõn pegou o seu arco e suas flechas. Apontou o arco para Wako Orebu e disse: “O acaratinga nunca escapou da minha flecha²⁹”. Quando o Wako Orebu passou perto da casa de Iḡeybu Bõnbõn, ele soltou a sua flecha e acertou Wako Orebu, acertou bem no cangote. *Wako Orebu* caiu. Iḡeybu Bõnbõn se aproximou do corpo e falou:

- “Eu vou querer a cabeça” - cortou a cabeça de Wako Orebu e deixou o corpo no chão. “Pronto, está aí! É assim que se mata um homem corajoso!”.

Iḡeybu Bõnbõn deixou o corpo lá e foi embora para sua casa, levando a cabeça de Wako Orebu. As pessoas se juntaram ao redor do corpo e começaram cortá-lo para fazer um caldo para comer com mingau de manicuéra. Fizeram o caldo e comeram tudo. No caminho, o pessoal de Wako Orebu de vez em quando olhava para trás e se perguntava: “Cadê Wako Orebu?” Paravam para esperar, mas ele não aparecia. Até que chegaram em sua aldeia.

²⁷ Antigamente, era proibido matar as pessoas na frente de todo mundo, na frente de crianças ou pessoas inocentes. Por isso eles estavam esperando anoitecer, para que as pessoas não vissem. Mas, infelizmente, não foi o que aconteceu. Por isso eles estavam se justificando.

²⁸ *Waoda Duk* é o nome da aldeia de Yori Cug’pu, onde Wako Orebu estava.

²⁹ Acaratinga é um peixe muito difícil de flechar.

- “Wako Orebu ficou na aldeia, disse para nós virmos primeiro, que ele viria atrás”.

- “Ele tem uma namorada naquela aldeia, por isso ele ficou para trás!” - outras pessoas diziam.

- “Ele ficou esperando as pessoas trazerem pena de arara para ele. Nós fomos na frente para cagar, ficamos de esperar ele no meio do caminho” - outros disseram.

Ninguém sabia que o pessoal de *waoda duk* tinha matado e comido ele com mingau de manicuéra. Só uma senhora bem idosa não tinha comido. Ela estava cortando lenha fora da aldeia, por isso não deu tempo dela chegar para comer - o pessoal se esqueceu dela. Mas ela ainda viu a multidão.

Anoiteceu, e Wako Orebu não chegou. Amanheceu, e nada de Wako Orebu chegar. Três dias se passaram. Então seu irmão Wako Arût resolve ir até *waoda duk*:

- “Eu vou visitar o meu irmão, vou ver se ele se casou mesmo por lá” - ele não sabia que o irmão tinha morrido.

No meio do caminho, ele encontrou com uma velha, ela sempre ia pegar lenha do outro lado do igarapé chamado *dokoa dip adi*. Todos os dias essa velha ia cortar lenha, só para esperar para ver se os irmãos de Wako Orebu iam aparecer, porque ela queria contar o que tinha acontecido - ela ficou com raiva porque não pode comer o caldo da carne de Wako Orebu, o pessoal se esqueceu dela. Wako Arût veio andando pelo caminho e encontrou a velha. Ele ia passando direto, mas ela puxou conversa com ele:

- (Velha): “Para onde vai, meu filho?”

- (Wako Arût): “Eu vim ver meu irmão, para saber se ele realmente se casou e ficou de vez por aqui”.

- (Velha): “Ah, coitado do seu irmão! Você acha que ele arrumou uma esposa aqui?”

Ele não ouviu direito, por isso voltou e se aproximou da velha:

- (Wako Arût): “O que você está fazendo?”

- (Velha): “Nada. E você, para onde vai?”

- (Wako Arût): “Estou vindo para cá mesmo, para ver se meu irmão se casou mesmo”.

- (Velha): “Você pensou que seu irmão tinha arranjado uma mulher? Não, ele não arranjou uma mulher! O pessoal do Sa comeu seu irmão! A cabeça dele está na casa de Iğeybu Bõnbõn” - A velha contou que era muita gente mesmo comendo Wako

Orebu, mas de três mil pessoas, todo o pessoal de *waoda duk*, muita gente, muita gente mesmo.

Imediatamente, Wako Arût voltou para sua aldeia. A velha também voltou para *waoda duk*. Depois disso, ela nunca mais foi cortar lenha: ela apenas queria avisar alguém da família do finado Wako Orebu o que tinha acontecido com ele.

No caminho de volta para a aldeia de Karo Daybi, Wako Arût ia chorando, caminhando sozinho. Chegou no mesmo dia, chegou durante a tarde. Ao chegar na aldeia, foi direto para a casa de sua irmã Wako Borun e contou o que tinha acontecido. Os dois começaram a chorar bem alto, chamando atenção de todos na aldeia. Karo Daybi estava na *uk'sa* e ouviu de longe.

- (Karo Daybi): “Quem está chorando? Será que tem alguém chorando?”

- “É Wako Borun”, as pessoas dissertam.

- (Karo Daybi): “O que aconteceu com ela?”

- “Não sabemos”, responderam.

- (Karo Daybi): “Então chamem ela para conversar comigo! Quero que me expliquem o que está acontecendo. Não se deve chorar sozinho em casa! Devem chorar aqui comigo, em nossa casa! Na casa dos homens, e não nas casas das mulheres³⁰”.

Wako Arût saiu da *uk'sa* e foi chamar Wako Borun.

- “*Tũ'ũ*, o nosso avô está lhe chamando”.

E logo eles saíram na direção da *uk'sa* para se encontrar com Karo Daybi. Chegando na casa dos homens, Karo Daybi pediu uma explicação sobre porque Wako Borun estava chorando sozinha em sua casa.

- (Wako Borun): “Não é nada, meu avô, não é nada!” Mas logo explicou: “Eu estava chorando porque comeram meu irmão”.

- (Karo Daybi): “Quem comeu seu irmão?”

- (Wako Arût): “Uma velha me contou”.

- (Karo Daybi): “Aonde comeram seu irmão?”

- (Wako Arût): “Uma velha me contou que o pessoal de *waoda duk* comeu ele.

Mas ela mesma não comeu, deixaram ela sem comer. Se tivessem deixado ela comer, ela não teria me avisado. Então, uma hora dessa eles já teriam me comido também. Mas como deixaram ela sem comer, ela resolveu me contar o que aconteceu com nosso irmão”.

³⁰ “Casa das mulheres” é são as casas da aldeia. Antigamente, os mais velhos chamavam assim, porque só as mulheres dormiam nas casas, os homens dormiam todos na *uk'sa*.

- (Karo Daybi): “Foi só isso que ela te contou?”

- (Wako Arūt): “Não. Também que contou que Igeybu Bõnbõn ficou com a cabeça dele. Foi isso que ela me contou! Como já estava ficando tarde, resolvi vir embora, antes de escurecer”.

Então Wako Borun falou com Wako Arūt:

- (Wako Borun): “Meu irmão, eu quero tabaco”. Pegou o tabaco, dividiu em dois e colocou em um cestinho de palha. “*Tapú*, eu preciso também de envira (*euk*) para enrolar esse tabaco”.

- “Pegue, minha irmã!”.

Wako Borun pegou a cestinha de palha com os dois punhados de tabaco e foi andando e entrou na casa dos homens para falar com Karo Daybi³¹. Todos ficaram olhando Wako Borun caminhando, curiosos. Ela estava com tanta raiva que entrou na casa dos homens! Entrou e chamou Karo Daybi pelo nome:

- (Wako Borun): “Daybi!” E gritou: “Karo Daybi, que pertence ao clã Karo!”

- (Karo Daybi): “O que foi?”

- (Wako Borun): “Nada, só estou dizendo que está aqui o nosso tabaco”.

- (Karo Daybi): “Está aí? Então coloque aqui”.

Wako Borun colocou o cestinho de palha no chão: “Está aí”

- (Karo Daybi): “O que você quer?”

- (Wako Borun): “Vamos pegar a cabeça do meu irmão. Se você não for pegar, não vou mais acreditar em você”.

- (Karo Daybi): “Não duvide de mim, mulher! Não duvide de mim!”

- (Wako Borun): “O pessoal de *waoda duk* comeu meu irmão. Então vamos lá pegar a cabeça dele. O velho Sa comeu meu irmão, por isso temos que ir lá pegar meu irmão. A cabeça dele está com Igeybu Bõnbõn”

- (Karo Daybi): “Vamos fazer assim!” Ele reuniu o pessoal, tinha muita gente Karo. Então começou a explicar: “Vamos pegar o irmão de Wako Borun que está com o pessoal de *waoda duk*. O velho Sa comeu ele, e a cabeça está com Igeybu Bõnbõn”. Disse ainda: “Amanhã ficaremos por aqui. Depois de amanhã nós vamos, por isso todos vão ter que se preparar. Preparem flechas e cordas novas para seus arcos, arrumem tudo, não deixem torto, principalmente os arcos”.

E o pessoal Karo disse: “Sim, vamos nos preparar!”

³¹ Antigamente, os homens levavam seu tabaco para fumar na casa dos homens. Por isso Wako Borun pediu tabaco ao irmão, porque ela queria falar com Karo Daybi.

De manhã bem cedo todos já estavam endireitando seus arcos e flechas. Estavam muito animados. Antes de anoitecer, todos já tinham terminando de preparar seus armamentos. No dia seguinte, Karo Daybi chamou todos, mais uma vez:

- (Karo Daybi): “Venham aqui de novo!”

O pessoal foi para a *uk'sa*, levando tabaco. Começaram a fumar. Karo Daybi começou escolher aqueles que iriam para a guerra, chamando um por um:

- (Karo Daybi): “*Tapú!*”

- (Guerreiro): “O que é?”

- (Karo Daybi): “Qual o seu clã?” -

Karo Daybi queria saber de que clã era o guerreiro, Karo, Kaba, Yori, Wako, Witõ etc.

- (Guerreiro): “Não sou de nenhum clã, meu avô. Sou apenas do clã *wai'a dup* (folha de cabaça).

- (Karo Daybi): “Coitado! Mesmo assim você!” E chamou outro: “E você, *tayú*, qual o seu clã?”

- (Guerreiro): “Eu também, meu avô, sou de um clã feio, sou do clã *toa*”.

E todos os próximos também, eram todos do clã *toa*. Ninguém desse clã servia para Karo Daybi. Ele foi chamando até que passaram todos os *toa*, aquele clã que não servia. Então Karo Daybi começou a chamar outro grupo: “E vocês, *tapú' yu*, se aproximem?” Esses eram de um clã bom. Se aproximaram de Karo Daybi: “E vocês, *tapú' yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiros): “Não sou de num clã, meu avô. Sou apenas do clã Xik (carapanã), meu avô!”

- (Karo Daybi): “Então fique aqui” - Karo Daybi estava separando os clãs ruins do lado esquerdo, porque sabia que eles iriam morrer rápido, e os clãs bons do lado direito.

Então Karo Daybi chamou outro grupo: “E vocês, *tapú' yu*, qual o clã de vocês?”

Imagem 3: *Wai'a dup jexeap* (Clã da Folha de Cabaça – clã fraco)

A folha da cabeça é muito fraca, não tem resistência. Por isso os guerreiros desse clã morriam facilmente durante a guerra, assim como qualquer coisa estrada a folha da cabaça.



Imagem 4: *Xik jexeap* (Clã do Carapanã – clã fraco)

O carapanã gosta de comer sangue, mas não para nunca e, por isso, ele é fácil de matar, basta dar um tapa. Por isso os guerreiros desse clã morreriam fácil, se expunham demais ao perigo querendo matar seus inimigos.



- (Guerreiros): “Nós também somos de um clã bom, meu avô!” - mas não falaram de qual clã.

- (Karo Daybi): “Não acredito! Não brinque comigo. Então sente-se aqui e me diga de qual clã você é”.

- (Guerreiros): “Nós somos do clã Pukoraw (Bacurau), meu avô!”

- (Karo Daybi): “Ah, sim, então fique aqui” - mandou para o lado direito. E chamou

outro grupo: “E vocês, *tapú’ yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiro): “Não sou de nenhum clã, meu avô. Sou apenas do clã Pusurukaw (andorinha)”.

- (Karo Daybi): “Então passe para cá”.

Tinham um grupo que era só duas pessoas. Karo Daybi os chamou: “E vocês, *tapú’ yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiro): “Não sou de nenhum clã, meu avô. Sou apenas do clã Weri³².”

- (Karo Daybi): “Então passe para cá”. E chamou outro: “E vocês, *tapú’ yu*, se aproxime?”

- (Guerreiros): “Nós somos do clã Cēḡcēḡ (Seriema), meu avô!”

- (Karo Daybi): “Então passe para cá”. E chamou outro: “E vocês, *tapú’ yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiros): “Nós somos de um clã bom, meu avô! Nós somos do clã *Suire-Suire* (Curica da bochecha laranja), meu avô!”

Imagem 5: Pukorawpikpik jexeap (Clã do Bacurau – clã forte)

Os guerreiros desse clã são ágeis como o bacurau. Quando o inimigo atira suas flechas, eles se jogam no chão e ficam agachados, como um bacurau pousado no chão. Depois se levantam rapidamente, já atirando.



Imagem 6: Pusurukaw jexeap (Clã da Andorinha – clã forte)

Os guerreiros desse clã eram muito ágeis, como a andorinha que faz manobras rápidas quando está voando, e por isso conseguiam desviar de todas as flechas.



Imagem 7: Cēḡcēḡ jexeap (Clã da Seriema – clã fraco)

Os guerreiros desse clã têm as pernas rápidas como as da seriema, mas não eram ágeis, não conseguiam se abaixar para desviar das flechas. Também sempre andavam em grupos, como a seriema, de modo que os inimigos conseguiam pegar eles todos de uma vez.



³² Um tipo de pássaro pequeno, que só existe no campo.

- (Karo Daybi): “Então passe para cá”.
E chamou outro: “E vocês, *tapú’ yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiros): “Nós também somos de um clã bom, meu avô! Ninguém escapa do nosso clã, nós somos do clã Kababap (um tipo de pássaro), meu avô!”

- (Karo Daybi): “Então passe para cá”.
Então chamou o último: “E vocês, *tapú’ yu*, qual o clã de vocês?”

- (Guerreiros): “Nós também somos de um clã bom, meu avô! Primeiro nós éramos de outro clã, mas agora somos do clã Pukasu (Juriti), meu avô!”

- (Karo Daybi): “Agora sim, *puḡ poḡ bima jee* (esses cinco clãs bons serão suficientes) para buscar a cabeça do irmão de Wako Borun. Esses são os guerreiros mais fortes!” E disse: “Partiremos amanhã!”

Karo Daybi mandou Wako Borun pegar um pouco de barro. Wako Borun pediu para o pessoal de sua família ir tirar o barro³³. Eles foram, tiraram, depois enrolaram em uma folha e levaram. Então foram dormir. Quando acordaram, todos já estavam indo para o ponto de encontro. Começaram a se juntar perto do igarapé chamado *sura ip ti*. Os cinco clãs bons já estavam lá, então o pessoal olhou para ver se nenhum outro clã bom tinha ficado de

fora: não tinha. Então partiram, começaram a caminhar. Lá pelas cinco da tarde, chegaram no igarapé *dokoa dip adi*. Pararam ali - já era bem próximo da aldeia - e começaram a pintar Wako Borun com barro. Pintaram o corpo todo, da cabeça aos pés, não ficou nem um pedacinho sem barro. Então mandaram Wako Borun na frente, e

Imagem 8: *Suire-Suire jexeap* (Clã da Curica da Bochecha Laranja – clã forte)

Os guerreiros desse clã são muito resistentes, como a curica de bochecha laranja – seu bico é como um escudo. Essa curica escolhe bem a fruta que quer, depois ataca com precisão. Da mesma forma, os guerreiros desse clã escolhiam bem seu alvo antes de atacar, depois atacam rápido e com precisão.



Imagem 9: *Pukasu jexeap* (Clã da Juriti – clã forte)

Os guerreiros desse clã têm uma boa visão, como a juriti. De longe eles veem seus inimigos e sabem como atacá-los.



³³ Esse barro era para fazer a pintura de Wako Borun. Não é qualquer pessoa que pode tirar o barro para isso, tem que ser um *ibuiwat it'it*, um parente próximo.

deram para ela um pequeno cesto de palha com milho dentro - funcionava como um maracá.

Wako Borun começou a caminhada em direção à aldeia. Ela foi cantando e começou a rodear a aldeia. Ela cantava assim:

<i>Ibit eju muporomo</i>	Por isso
<i>Ibit eju muporomo</i>	Por isso
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Eu sonhei com meu irmão
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Eu sonhei com meu irmão
<i>Waroroxeaway</i>	Tirando bacaba
<i>Waroroxeaway</i>	Tirando bacaba
<i>Yadapu wedeḡ wedeḡ wexey</i>	Cabelos balançando no pescoço, no meu sonho
<i>Yadapu wedeḡ wedeḡ wexey</i>	Cabelos balançando no pescoço, no meu sonho

Algumas pessoas que tinham saído para cagar ouviram ela. Depois toda a aldeia de *waoda duk* escutou, e ficou assustado - como ela estava toda coberta de barro, eles não reconheceram quem era. Wako Borun foi se aproximando da aldeia dançando e cantando: *tamudi kopi* (“Me dê!”) - de longe, ela já estava pedindo os restos do irmão³⁴. Wako Borun viu o movimento das pessoas da aldeia e ficou parou de andar, mas continuou cantando. Algumas pessoas chegaram para o velho Sa:

- “*Obuyxi*, um inimigo está se aproximando!”

- (Sa): “Quem é?”

- “Não sabemos. Eu acho que é alguém daqui mesmo de *waoda duk*”

- (Sa): “Eu acho que não, não é daqui! E não acredito que seja alguém daqui!”

- “Se você não acredita, então depois você vai ver”. Wako Borun continuou se aproximando da aldeia, cantando. “Olhe aí, escute bem”, falaram para o velho Sa.

- (Sa): “É mesmo, agora eu ouvi bem, o *deíwat* se aproximando de nós”. Eles então se reuniram na casa dos homens, e o *ade buixi* disse: “escutem bem, meus amigos, o inimigo está se aproximando de nós”.

As pessoas começaram a se perguntar de onde estava vindo: “Será que é daqui mesmo de *waoda duk*?” Ninguém imaginava que Wako Borun estava planejando matar todos de *waoda duk*. O pessoal de *waoda duk* nem imaginava! Eles não estavam se lembrando que tinham comido Wako Rebu, pensavam que talvez o pessoal de Karo Daybi já tinha se esquecido disso. Eles nem imaginavam, por isso disseram assim:

- “Vamos ver se os *deíwat* vão mesmo fazer alguma coisa contra nós”

Em seguida Wako Borun apareceu cantando e dançando, já dentro da aldeia:

³⁴ A cabeça, mas também os ossos, tudo que tinha ficado do corpo dele.

<i>Ibit eju muporomo</i>	Por isso
<i>Ibit eju muporomo</i>	Por isso
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Eu sonhei com meu irmão
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Eu sonhei com meu irmão
<i>Waroroxeaway</i>	Tirando bacaba
<i>Waroroxeaway</i>	Tirando bacaba
<i>Yadapu wedeḡ wedeḡ wexey</i>	Cabelos balançando no cangote, no meu sonho
<i>Yadapu wedeḡ wedeḡ wexey</i>	Cabelos balançando no cangote, no meu sonho
<i>Yadapu coraidiiiip</i>	Balançando bonito
<i>Yadapu coraidiiiip</i>	Balançando bonito

Wako Borun cantou primeiro para a bacaba, mas depois repetiu essa mesma música para todas as plantas e animais, como cacho de açaí, buriti, inajá, tucumãzeiro e papagaio.

Escutando aquelas músicas, o velho Sa suspeitou que era Wako Borun, e falou para seu amigo: “Ela veio nos matar! Tenho certeza que os guerreiros vão chegar aqui amanhã de manhã. Do jeito como ela está dançando e sacudindo seu maracá, com certeza os guerreiros estão vindo” - ele achou que ela estava sozinha, e que os guerreiros ainda estava no caminho. Então todos pegaram seus capacetes de pena de arara³⁵ e foram correndo para a *uk'sa*. Começaram a suspeitar que era Wako Borun quem estava por trás disso tudo.

- “Quem é essa aí, meu amigo?”

- “Não sei, não tenho certeza. Eu acho que é ela, Wako Borun!”

- “É Wako Borun, ela veio nos matar!”, outros diziam.

Wako Borun parou e ficou cantando:

<i>Ijoce poro adi</i>	É aqui
<i>Ijoce poro adi</i>	É aqui
<i>Ijoce poro adi</i>	É aqui
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Que eu sonhei com meu irmão
<i>Okipit omuxeyxey</i>	Que eu sonhei com meu irmão
<i>Waroroxeaway</i>	Seus cabelos pareciam com cacho de bacaba
<i>Waroroxeaway</i>	Seus cabelos pareciam com cacho de bacaba
<i>Yadapu wedeḡ wedeḡ wexey</i>	Com os cabelos balançando, em meu sonho
<i>bay bay</i>	

O pessoal de *waoda duk* dizia:

- “Aí está ela, *obuyxi!*”

³⁵ Esses eram os capacetes que Wako Rebu e seu pessoal tinha feito para o pessoal de *waoda duk*.

Wako Borun sempre terminava seu canto dizendo “*bay bay!*”, uma palavra que servia como um escudo, para protegê-la das flechas - por isso o pessoal não matava ela. O pessoal de Wako Borun já estava se aproximando da aldeia *waoda duk*, e diziam “*bay!*”, pedindo para não serem flechados por seus inimigos. Eles chegaram na aldeia, e a guerra começou. Quando os guerreiros de *waoda duk* começaram a atirar suas flechas, erravam todas. E se perguntavam:

- “Porque ela só canta essa música?”

Mas Wako Borun cantava para várias plantas e bichos diferentes. Ela continuou cantando, até que escureceu. No meio da noite, Wako Borun começou a cantar a música da rede:

<i>Apoce ocēbodoy</i>	Aonde eu vou descansar?
<i>Apoce ocēbodoy</i>	Aonde eu vou descansar?
<i>Apoce ocēbodoy</i>	Aonde eu vou descansar?
<i>Apoce ocēbodoy</i>	Aonde eu vou descansar?
<i>Buy yokyok pe</i>	Na rede
<i>Buy yokyok pe</i>	Na rede
<i>Cojoda Buy yokyok pe</i>	Na rede feita de tucumã
<i>Buy yokyok pe,</i> <i>bay!</i>	Na rede feita de tucumã

Alguns dos guerreiros de *waoda duk* diziam:

- “Sim, pode descansar na rede!”

Mas começaram a ficar com medo:

- “Será que dessa vez eu vou morrer? Eu preciso ter mais sorte contra esses cinco clãs!” - Os guerreiros dos cinco clãs fortes, que Karo Daybi separou (Pukorao, Cēgēcēg, Pacēcē, Kababap, Pukasu), estavam matando todo o pessoal de *waoda duk*, só aqueles dos clãs fracos estavam morrendo. Os guerreiros desses clãs eram muito fortes, por isso algumas pessoas de *waoda duk* já estavam se perguntando se seriam mortos por eles.

Wako Borun não parava de cantar, e seus guerreiros estavam acabando com o pessoal de *waoda duk*. Então ela começou a entoar o canto do osso:

<i>Tao bit etaōdojot</i>	Traga o osso
<i>Tao bit etaōdojot</i>	Traga o osso
<i>Tao bit etaōdojot</i>	Traga o osso
<i>Tao bit etaōdojot</i>	Traga o osso
<i>Okipit'ūm tao bit</i>	O osso do meu irmão
<i>Okipit'ūm tao bit</i>	O osso do meu irmão
<i>Barūg i oce</i>	Eu quero roer

O pessoal de *waoda duk* escutou seu canto, e falaram:

- “Ela pediu os ossos, vamos buscar para ela!”

Eles buscaram ossos de animais e colocaram em um balaio para Wako Borun, tentando enganá-la. Quando ela via os ossos de animais, jogava tudo no chão. Então trouxeram outros ossos de animais, e Wako Borun jogou no chão. E assim foi, várias vezes, trouxeram ossos de vários animais. Mas a intenção de Wako Borun era que eles trouxessem a cabeça do irmão. As músicas que Wako Borun cantava eram muito poderosas, e o pessoal de *waoda duk* já estava agoniado, tentando encontrar algum osso que servisse para ela. Como nenhum osso servia, eles desconfiaram que Wako Borun estava tentando matar todos eles. Já era tarde, estava escuro. Wako Borun, então, começou a cantar:

<i>Tup rewayreway</i>	Folha pendurada
<i>Tup rewayreway</i>	Folha pendurada
<i>Tup rewayreway</i>	Folha pendurada
<i>Wapurum Tup rewayreway</i>	Folha seca de açaí

Wako Borun estava cantando para fazer os guerreiros de *waoda duk* dormirem:

<i>Tup rewayreway acã</i>	Folha pendurada, sozinha
<i>Tup rewayreway acã</i>	Folha pendurada, sozinha
<i>Ijuk acã ãn jexan pima</i>	Quando eu ia me transformar
<i>Ijuk acã ãn jexan pima</i>	Quando eu ia me transformar ³⁶
<i>Bay!</i>	

Pouco a pouco, os guerreiros de *waoda duk* foram caindo no sono. Havia dois guerreiros do pessoal de Karo Daybi que estavam doidos para ser mortos por seus inimigos! vendo todos os inimigos deitados no chão, dormindo, eles disseram:

- “Será que não é dessa vez que eu vou morrer?!”

Wako Borun, então, entrou na *uk'sa* e viu a cabeça de seu irmão, que estava em um cesto encostado na parede - os ossos do braço estavam cruzados na frente da cabeça, dentro do cesto. Por isso ela cantava pedindo os ossos do irmão. Igeybu Bõnbõn estava dentro da *uk'sa* com muitos guerreiros vigiando a cabeça.

- “Quando Wako Borun entrar para tentar pegar a cabeça do irmão dela, não deixem ela escapar!”

³⁶ A música está comparando a folha seca do açaí, que fica pendurada, com o casulo de uma lagarta que vai se transformar em borboleta, porque quando a lagarta chega do açazeiro, ela fica lá um tempo, depois vira um casulo pendurado, para depois se transformar em borboleta. É como se a lagarta no casulo estivesse dormindo, por isso Wako Borun cantou assim, para fazer os guerreiros dormirem.

Mas Wako Borun fez todos dormirem com sua música. Só um guerreiro não dormiu completamente: ele estava deitado, com os olhos fechados, quase dormindo, mas com os ouvidos abertos. Wako Borun continuava cantando, agora a música da cotia:

<i>Okapkam juk acã ãn</i>	No meio de um monte de gente
<i>Okapkam juk acã ãn</i>	No meio de um monte de gente
<i>Okapkam juk acã ãn</i>	No meio de um monte de gente
<i>Okapkam juk acã ãn</i>	No meio de um monte de gente
<i>Xirixiri daḡ</i>	Eu passei
<i>Xirixiri daḡ</i>	Eu passei
<i>Oeku Xirixiri daḡ</i>	Ninguém me flechou
<i>Oeku Xirixiri daḡ</i>	Ninguém me flechou
<i>Kapkat iḡu ma ãn</i>	Passei de todos
<i>Kapkat iḡu ma ãn</i>	Passei de todos
<i>operēḡperēḡ operēḡperēḡ</i>	Eu estava passando no meio de todos
<i>operēḡperēḡ operēḡperēḡ, bay</i>	Eu estava passando no meio de todos
<i>Oeku Xirixiri daḡ</i>	Ninguém me flechou
<i>Oeku Xirixiri daḡ</i>	Ninguém me flechou
<i>Kapkat iḡu ma ãn</i>	Eu estava passando no meio de todos
<i>Kapkat iḡu ma ãn</i>	Eu estava passando no meio de todos
<i>bay!</i>	

Wako Borun foi andando devagar, até que pegou a cabeça de seu irmão: nesse momento, ela parou de cantar. Pegou com cesto e tudo, e segurou junto ao peito para não fazer barulho. Então foi andando no rumo da porta, para ir embora. Foi andando de cabeça baixa, para não ser vista por ninguém. No meio do caminho, ela trombou no esteio da casa, e o barulho acordou o guerreiro que não tinha pegado totalmente no sono. Ele se virou para olhar, e Wako Borun ficou quieta, para não ser vista. Quando Wako Borun estava quase saindo, o guerreiro finalmente conseguiu vê-la. Então gritou:

- “Acordem, velhos! Acordem! Wako Borun pegou a cabeça daquela pessoa que vocês matam, ela saiu correndo!”

Igeybu Bõnbõn ainda tentou alcançar Wako Borun, para pegar a cabeça de volta, mas não conseguiu. Ele saiu gritando:

- “Vamos lá, pessoal, Wako Borun pegou a cabeça!”

Mas Wako Borun já tinha alcançado a linha de passagem que os guerreiros fizeram para protegê-la, quando já estivesse com a cabeça. Passando a linha, ela virou

um corujão (*hôôô 'a*)³⁷, *oooh, oooh, oooh!* Os guerreiros de *waoda duk* não conseguiram alcançar. Os guerreiros de Wako Borun também se dispersaram pela mata.

No dia seguinte, o pessoal de *waoda duk* disse:

- “Vamos armar a rede dentro do *uk'sa*, *obuyxixi*, vamos descansar um pouco. Não queremos mais matança, agora. Vamos armar a nossa rede mais para o centro da *uk'sa*, por que não queremos ser flechados pelos nossos inimigos” - diziam os guerreiros para o seu líder.

- “Com certeza vem mais gente por aí, por isso entrei na casa dos homens, *obuyxi*”.

- “Eu também, *obuyxi*, para mim já chega de matança, não quero mais ver as pontas de flecha cheias de sangue” - outros diziam.

Quando o dia amanheceu, os cinco guerreiros de Karo Daybi voltaram para a aldeia *waoda duk* - eram cinco homens, o chefe de cada um dos cinco clãs fortes selecionados por Karo Daybi. Foram para a *uk'sa*, foram entrando e pedindo licença:

- *Pajé!*

- *Pajé!*

- *Pajé!*

- *Pajé!*

- *Pajé!*

Os guerreiros que estavam descansando na *uk'sa* disseram:

- “Olha, os visitantes chegaram!”

Os cinco guerreiros entraram na *uk'sa* e disseram:

- “Nós vamos armar a nossa rede perto de vocês”.

- “Tudo bem!”, responderam.

Eles armaram suas redes e se deitaram - ninguém reconheceu eles. Logo quando foram entrando, andando um atrás do outro, os cinco guerreiros de Karo Daybi avistaram os quatro que mandaram matar *Wako Orebu: iğeybu bõnbõn*, o velho SA, o

³⁷ Os guerreiros fincaram duas flechas no chão e amarram um cipó de tracoá entre elas, depois defumaram com cigarro, fazendo essa linha de passagem - por que, naquele tempo, todos eram pajé. É como se fosse uma passagem para outro mundo, para o mundo dos animais: por isso ela se transformou em corujão. Wako Borun fugiu com a cabeça de seu irmão dentro do cesto e foi rumo à cachoeira do *kerepóca*, que foi o lugar onde Darebu, Borõbên e Borõ Aré pularam na água para abandonar esse mundo (naquele tempo as pessoas sempre estavam em guerra, e três homens - Borõbên e Borõ Aré eram irmãos, e Darebu era seu cunhado - estavam cansados de ver tanto sangue, por isso decidiram partir para o outro mundo, onde seus ancestrais viviam com fartura e sempre em festa - para uma versão dessa história, ver Cabá & Sau, 1978: 7-45). Wako Borun decidiu colocar a cabeça de seu irmão Wako Orebu dentro da água, para que ninguém pegasse. Com o tempo, sua cabeça se transformou em uma pedra. Até hoje sua cabeça está lá, mas em forma de pedra.

velho *Suyresuyre* e o velho *Ajepirẽmpirẽm*. Esses eram os maiores *obuyxixi* (chefes) da aldeia *waoda duk*, e líderes da casa dos homens - *uk'sa*.

Os quatro *obuyxixi* ficaram cara a cara com os guerreiros de *Karo Daybi* dentro do *uk'sa*. Eles entraram na *uk'sa* com seus arcos e flechas enrolado em palha de açai, bem amarrado, para que o pessoal de *waoda duk* não percebesse. Cada uma deles trazia apenas três flechas. Então, os guerreiros de *Karo Daybi* deram sinal um para os outros, piscando os olhos, para avisar que era a hora de atacar. Se levantaram rapidamente e começaram a flechar. Primeiro flecharam *Igeybu Bõnbõn*, que começou a gritar de tanta dor. Depois o velho *Sa*. Depois o velho *SuyreSuyre*. Por último, foi *Ajepirẽmpirẽm*. Mataram os quatro. Alguns guerreiros gritaram:

- “Venham, venham! Venham todos! Os *deíwat* estão aqui!”, mas os quatro já estavam mortos.

Os guerreiros de *waoda duk* ainda tentaram flechar os cinco guerreiros de *Karo Daybi*, mas ninguém acertava eles. Quando uma flecha caía no chão, perto deles, os cinco guerreiros pegavam essa flecha e atiravam de volta, e mataram vários outros guerreiros de *waoda duk*. Eles não estavam preparados, estavam apenas descansando na *uk'sa*. Por isso, quando os cinco guerreiros começaram a atirar, eles saíram correndo para tentar pegar as suas flechas e seus arcos em casa.

- “Lá está o *deíwat*!” - atiraram e erraram!

- “Lá está!” - de novo, atiraram e erraram.

- “Lá está!” - mais uma vez, atiraram e erraram.

Os guerreiros de *Karo Daybi* foram correndo para fora da aldeia, onde eles tinham deixado muitas flechas preparadas. Lá eles se juntaram aos outros guerreiros, o pessoal de *Wako Borun*. Quando chegaram lá, disseram:

- “Agora é a nossa vez, vamos mostrar para eles quem é forte de verdade! Vamos mostrar para *waoda duk wat*³⁸ quem é o mais forte. Nós é que somos homens de verdade!”.

Pegaram suas flechas, miraram e começaram a atirar. E os homens de *waoda duk* começavam a cair, dizendo “aiii!”, “aiii!”.

- (Guerreiros de *Karo Daybi*): “Tá vendo!?”

³⁸ “O pessoal de *waoda duk*”

Os homens de *waoda duk* estavam caindo e gritando “aiii!”, “aiii!” O guerreiro do clã Pukasu (Juriti) era quem estava matando mais! A cada flecha que atiravam, os guerreiros diziam:

- “Aqui está o *deíwat!*” - Atiravam e matavam!

Os homens do *waoda duk* também diziam a mesmas palavras:

- “Lá está o *deíwat!*” - Atiravam e erravam!

A guerra continuava, e o sol já estava ficando baixo. Ao anoitecer, das 22 horas em diante, já tinha uma montanha de gente morta. O chão já estava cheio de sangue, já estava pelo meio da canela dos guerreiros. Muito sangue! O sangue escorria pelo igarapé de *dokoa dip adi*, porque muita gente tinha morrido, tinham muitos corpos empilhados, parecia uma montanha!

Alguns guerreiros do clã Weri ainda foram flechados, mas foi na lateral do corpo, não foi fatal. Karo Daybi tinha vindo, estava perto da aldeia *waoda duk*, escondido. Os guerreiros Weri foram falar com ele, foram perguntar o que iriam fazer. Karo Daybi, então, mandou parar com a matança. O pessoal do *waoda duk* estava muito reduzido, tinham morrido muitos. Então, já no começo da madrugada, os guerreiros de Karo Daybi gritaram:

- “Já chega! Já chega, pessoal de *waoda duk*! Desse jeito vocês vão acabar, nós não estamos morrendo! Não morreu nenhum de nós!”

O pessoal de *waoda duk* ouviu e parou de atirar. Ficou só a tristeza para eles, porque morrem muitas, muitas pessoas.

Então os guerreiros levaram a notícia para Karo Daybi:

- “Acabou, meu avô!”

E Karo Daybi ordenou a retirada:

- “Vamos embora”.

A multidão se reuniu, fizeram uma fileira e foram caminhando, voltando para sua aldeia. Algumas pessoas perguntaram:

- “Cadê a Wako Borun? Ela não virou corujão?” - pensando que ela iria virar gente de novo.

- “Ela se transformou de vez em corujão, por isso não voltará mais”, respondeu Karo Daybi.

Mas o pessoal de *waoda duk* não queria parar! Eles viram Karo Daybi comandando os guerreiros. Então pensaram que, se matassem ele, acabariam de vez com a guerra. E foram atrás de Karo Daybi:

- “Vamos nos vingar, vamos matar o Karo Daybi, que é o chefe deles!”.

O pessoal de *waoda duk* foram tentar matar Karo Daybi no meio do caminho, antes dele chegar na aldeia.

- “Vamos matar Karo Daybi no mato, vamos cercá-lo no caminho”, disseram. “Não são muitas pessoas, não, pouca gente foi com ele. Então vamos matar todos eles no mato, mesmo. Primeiro vamos matar os guerreiros, depois matamos Karo Daybi.”

Eles foram correndo por fora, cortando caminho, atrás do Karo Daybi, passando as pessoas que estavam com ele para chegar na ponta da fila, onde estava Karo Daybi. Correram, correram, até que chegaram no campo chamado *sarakti*, mas não tinham alcançado ainda. Descançaram um pouco e seguiram cortando caminho, entrando pelo mato para tentar alcançar o Karo Daybi. Até que chegaram na frente, onde o pessoal de Karo Daybi iria passar.

- “Vamos ficar aqui esperando o pessoal passar”, disseram. “Vocês flecham bem? Eles são bem poucos!”.

Ficaram preocupados: “Vocês flecham bem? Será que nós vamos conseguir matar todos? Ou a gente mata somente o Karo Daybi?”

Então os guerreiros decidiram matar somente Karo Daybi. Mas eles não sabiam que vinham uma multidão de gente, caminhando e cantando, tocando seus instrumentos musicais, chamado *ohô'a*³⁹, estavam voltando para sua aldeia! Então o pessoal de *waoda duk* ouviu o canto dos guerreiros de Karo Daybi.

- “Lá vêm eles, sejam homens corajosos! Eles são seus inimigos!”

- “Sim, eu sou um grande guerreiro!”, um falou.

- “Eu também sou um grande guerreiro!”, outro disse.

- “Guerreiro, sim, eu sou grande guerreiro!”, outro falou.

- “Eu também sou um grande guerreiro!”, disse outro. Então ficaram muito confiantes.

Finalmente, eles avistam a multidão. Ouviram as batidas dos pés da multidão, que vinha caminhando e dançando em sua direção. Nessa hora, todos se abaixaram e começaram a se preparar. Se esconderam atrás da vegetação, limpando um pouco do mato para ter uma boa visão e não atrapalhar a mira. Eles se esconderam próximo da entrada da mata, porque se o pessoal de Karo Daybi entrasse na mata fechada, iriam escapar com facilidade.

³⁹ Um tipo de flauta.

Eles pensaram que o pessoal de Karo Daybi passaria um por um, em fila. Mas não, eles chegaram todos de uma vez. Por isso ficaram com medo de atirar: era muita gente, e se eles fossem descobertos, certamente seriam mortos! Eles pensaram que eram poucas pessoas, mas não eram! O pessoal de Karo Daybi não os viu. Quando já estavam terminando de atravessar o campo, alçando a mata, começaram a cantar:

Hino da guerra⁴⁰

<i>Hedot īrṽ mo ejop</i>	Fique deitado
<i>Hedot īrṽ mo ejop</i>	Fique deitado
<i>Watip edot ḡṽḡat ḡṽḡat</i>	Como sapê
<i>Watip edot ḡṽḡat ḡṽḡat</i>	Como sapê
<i>Asubit mo xe īju</i>	E como esse
<i>Asubit mo xe īju</i>	E como esse
<i>Yopa muypit pa'ore pa'ore</i>	Não pode voltar, como a flecha
<i>Yopa muypit pa'ore pa'ore</i>	Não pode voltar, como a flecha
<i>Yopa rit ipa ipa</i>	Aquela flecha
<i>Yopa rit ipa ipa</i>	Aquela flecha
<i>Ipi cerere ipa ipa</i>	Como sapê deitado no chão
<i>Ipi cerere ipa ipawaaaaah</i>	Como sapê deitado no chãowaaaaah (grito)

Os guerreiros de *waoda duk* miraram para atirar nos guerreiros de Karo Daybi, mas eles estavam todos abaixados, foram andando abaixados. Pareciam com o bacurau sentado no chão. Até que todos passaram na frente dos guerreiros do *waoda duk*. Por isso eles não conseguiram atirar nenhuma flecha, ficaram sem coragem de flechar. Ficaram com medo da forma como eles dançavam e da batida dos pés, sua música era forte e eles eram muitos! Quando o pessoal de Karo Daybi já estava no meio da mata, cantaram mais uma vez:

<i>Hedot īrṽ mo ejop</i>	Fique deitado
<i>Hedot īrṽ mo ejop</i>	Fique deitado
<i>Watip edot ḡṽḡat ḡṽḡat</i>	Como sapê
<i>Watip edot ḡṽḡat ḡṽḡat</i>	Como sapê
<i>Asubit mo xe īju</i>	E como esse
<i>Asubit mo xe īju</i>	E como esse
<i>Yopa muypit pa'ore pa'ore</i>	Não pode voltar, como a flecha
<i>Yopa muypit pa'ore pa'ore</i>	Não pode voltar, como a flecha
<i>Yopa rit ipa ipa</i>	Aquela flecha
<i>Yopa rit ipa ipa</i>	Aquela flecha
<i>Ipi cerere ipa ipa</i>	Como sapê deitado no chão
<i>Ipi cerere ipa ipawaaaaah</i>	Como sapê deitado no chãowaaaaah (grito)

⁴⁰ Foi Mureko Doibu quem ensinou esse canto para Karo Daybi. Se ele não tivesse cantado nesse momento, ele e seu pessoal teriam morrido pelas mãos dos guerreiros de *waoda duk*.

Depois de atravessar o campo, os guerreiros de Karo Daybi sentiram que estavam tentando flechar eles, e disseram:

- “Olha como eles são fracos, não conseguiram flechar ninguém! Coitado deles!”
Os guerreiros do *waoda duk* não tiveram sucesso, voltaram para casa sem nada!

2.4 O surgimento dos *deíwat*

Na nova aldeia de Yori Cuḡ’pu surgiram alguns *deíwat*, os povos Maué, Apiaká e também Kayabi. Yori Cuḡ’pu saía sempre caçar. Um dia ele atirou a flecha na caça mas errou. Quando foi pegar a flecha, ele viu outros povos dentro de uma caverna. Eles não tinham aldeia, moravam dentro da caverna: pareciam morcegos, gostavam de ficar no escuro e comiam carne crua. Eles estavam cantando. Yori Cuḡ’pu foi até lá e conversou com eles, os convidou para irem morar em sua aldeia. Eles aceitaram, foram morar com Yori Cuḡ’pu. Eram chamados pelos Munduruku de *Joropari’uk piũm yũ* (“espírito sem bunda”).

Já Karo Daybi ficou onde estava: depois que Yori Cuḡ’pu foi embora, ele abandonou a guerra⁴¹. Karo Daybi era o maior *ajebuyxi* (“chefe”). Ele tinha cortado a cabeça de muitos inimigos, tirava seus dentes para fazer colar. Tinha tantos colares de dentes de inimigos, que quase cobria seu corpo todo! Mas ele parou de guerrear quando Yori Cuḡ’pu foi embora.

Quem continuou a guerra foi seu irmão Karo Ba’unpu, porque ele sempre caçava com Karo Daybi, e aprendeu com ele a cortar a cabeça dos inimigos. Era da aldeia *wakopadika* que ele saía em suas expedições de guerra, para caçar a cabeça dos inimigos. Ele passou a cortar a cabeça dos *deíwat*. Karo Ba’unpu vivia em guerra contra esses povos, Maué, Apiaká e Kayabi, disputando o controle do território. Por isso Karo Ba’unpu cortava suas cabeças, porque ele queria ser o único chefe. Mas também porque trazia sorte na caçada, por isso Karo Ba’unpu não queria parar de cortar as cabeças dos inimigos.

As cabeças desses povos inimigos que o pessoal de Karo Daybi cortava eram chamadas de *parí adotdot*: era sua resistência, um símbolo de poder guerreiro. Os Apiaká, especificamente, eram chamados de *parí bidoídoí*, porque eles eram canibais (*piaka bit pari bidoídoí i, wuy uk puye*); quando matavam os Munduruku em guerra, eles cortavam e comiam a cabeça, e também comiam as vísceras (coração, fígado etc),

⁴¹ Ele só voltou a guerrear quando Wako Borun lhe pressionou, por conta do assassinato de seu irmão Wako Orebu. Mas ele parou de procurar guerra, só ficava dentro da *uk’sa*.

ficando com a boca lambuzada de sangue, por isso eram chamados de *parí bidoídoí*, “os que guerreiam com a boca suja de sangue”⁴². Até hoje, no lugar onde os Apiaká e Munduruku guerreavam, há o rastro de sangue que pingava das cabeças, deixando marcas nas pedras da cachoeira do *kerepóca*. Há uma caverna nessa cachoeira e, lá no fundo, existem três cabeças de Apiaká mortos pelos Munduruku. Elas foram deixadas lá na caverna e, com o tempo, se transformaram em pedra.

Os Kayabi eram chamado de *yapa cãcên*⁴³, por que tinham o couro cabeludo cheio de sardinhas, todo pintado como se fosse pequenos pingos de tinta de jenipapo. Eles também comiam carne crua. Os Maué, assim como os Munduruku, tinham seus clãs: *titiwat* (porque utilizavam burduna de pau brasil e maçaranduba, e comiam seus inimigos em banquetes coletivos), *wuydadawat* (“bando de onças”, porque eles viravam onça para fazer sua caçada, ou seja, sua guerra), *pusuwawat* (“bando de coatis”, porque só andavam em grupos grandes), *awarerewat* (“bando de ariranhas”, porque guerreavam juntos, mas cada guerreiro comia o inimigo separada dos outros), *murehowat* (“bando de morcegos”, porque, assim como os Apiaká, comiam carne crua e ficavam com a boca toda lambuzada de sangue, por isso eram tidos como “índios bravos”, as pessoas mais valentes). Esses três povos, Apiaká, Maué e Kayabi, também eram chamados de *dariwaewekukuyũ* (um tipo de raposa dos campos), porque não dormiam e se alimentavam durante a noite.

Também existia o povo Canoeiro. Eles também guerreavam, mas com outros povos, não guerreavam com os Maué. Existiam vários outros povos que viviam guerreando. Por causa dessas guerras eles foram se espalhando por todo Brasil.

O pessoal de *waoda duk* deu origem aos *ipipwat*, que depois passaríamos a chamar de Kayapó. Já o pessoal de *wakopadi* deu origem aos Munduruku⁴⁴. Os Kayapó foram grandes inimigos dos Munduruku e, por muito tempo, houve guerra entre eles. Eles eram chamados de *ipipwat*, porque sua principal arma de guerra era a burduna de

⁴² Murphy & Murphy dizem que os Munduruku não guerreavam com os Apiaká, que eram “subservientes aos Mundurucú e às vezes se juntavam a suas expedições de guerra” (1974: 80). Na verdade, no começo os Munduruku fizeram muitas guerras com os Apiaká, que eram um povo valente, *deíwat*. Só depois eles fizeram as pazes, por isso os Apiaká saíram de perto dos Munduruku e subiram o rio Teles Pires. Agora vivem como se fossem irmãos, pessoas próximas aos Munduruku. Os Kayabi também.

⁴³ Por isso os brancos os chamaram de “Parintintim” - escrito com o som do português, a palavra *yapa cãcên* se pronuncia mais ou menos “Iapá Txentxén”. Naquele tempo, só existiam os Patintintim: os Kayabi atuais são descendentes deles.

⁴⁴ *Waoda duk* era a aldeia de Yori Cuḡ’pu; *wakopadika* era a aldeia de Karo Daybi. Quem deu o nome de *waoda duk wat* (“pessoal de *waoda duk*”) foi o pessoal de *wakopadika*; e quem deu o nome de *wakopadi wat* (“pessoal de *wakopadika*”) foi o pessoal de *waoda duk*.

madeira. Mas agora existe paz entre eles. Os Kayapó foram conquistados pelos Munduruku, e agora são considerados como “irmãos” ou “parentes”, *oburé*.

Chegou um tempo em que Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu foram embora das cabeceiras do rio Caburuá. Os dois foram para bem longe e se transformaram (*tit tit'wat*) em outras etnias. Karo Daybi foi se transformando em Xavante, Kaingang e outros povos. Yori Cuḡ'pu se transformou em Xikrin e outros povos. Esses povos não existiam antes, eles surgiram quando Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu se transformaram. Eles foram se transformando e criando todos os povos que existem espalhados pelo Brasil. Os *deíwat* são os descendentes de Karo Daybi e Yori Cuḡ'pu.

3 CAPÍTULO 2

A caça de cabeças

Com os ensinamentos de Karo Daybi, os Munduruku continuaram a fazer guerra com outros povos. Eles saíam para caçar a cabeça de seus inimigos para trazer fartura de caça, de frutos do mato e na roça. Não era por vingança, ou por outro motivo. Cada lugar no mato tem sua *ya'e pucaxi*, uma mãe-espírito, e é por causa delas que existem todos os animais, todas as frutas e todas as plantas cultivadas na roça. Por meio da pajelança, uma mãe-espírito era colocada dentro da cabeça do inimigo, que era usada, assim, para garantir a fartura de alimentos.

3.1 A preparação dos guerreiros

Mais ou menos a partir dos 13 anos, quando os meninos viram *jepo*, ou seja, quando viram adolescentes, quando sua voz começa a engrossar, eles começavam sua preparação para a guerra. A preparação era feita com a aplicação de remédios, para ter boa saúde, velocidade, agilidade e força. Quando a pessoa não está acostumada a andar no mato com arco e flecha, por exemplo, ela pode engarranchar o arco, que carregamos na mão, em uma galhada. Se ele estiver perseguindo um animal, ou um guerreiro inimigo, até ele tirar o arco dali, o bicho ou o inimigo já teria escapado. Era para não acontecer esse tipo de coisa que os guerreiros se preparavam desde cedo. Um dos tratamentos era com a raiz *namukutu* ou *daidaicup* - um tratamento específico para a guerra. São duas plantas baixas com uma raiz muito forte, muito difícil de arrancar do chão. Virado para o lado do sol poente, o guerreiro se posiciona bem, se curva e arranca a planta do chão em um puxão só. Se ele fizer tudo correto, ele vai absorver a força da planta. Mas se não fizer do modo correto, ele não vai conseguir arrancar a planta, porque é a planta que está absorvendo a força dele. A casca dessa raiz era colocada em infusão em água e utilizada para tomar banho três vezes ao dia: bem cedo, ao meio dia e no fim da tarde. Os homens precisavam tomar banho antes das mulheres, por que as mulheres poderia trazer azar para ele: se tivesse uma mulher menstruada ou que tivesse feito sexo e ele banhasse depois dela, ele ficaria com cheiro forte, e logo os animais de caça ou os pajés inimigos sentiriam seu cheiro.

Os guerreiros também tomavam banho com as folhas de *abipğun*, e passavam o sumo da raiz dessa planta nas articulações dos braços. Eles faziam isso para não perder sua força e para ter coragem de caçar a cabeça de seus inimigos, para não ficar com medo da guerra. Para ter muita força, os guerreiros adultos aplicavam um pedaço de veia de sucuri no seu braço direito. Usando um espinho comprido, eles introduziam o pedaço de veia de sucuri em sua

própria veia, para que eles tivessem a mesma força que o animal. Para ter velocidade, eles usavam o beija-flor. Matavam um beija-flor e torravam no fogo para transformar o animal em pó. Então misturavam com pasta de urucum. Essa pasta era passada na sola dos pés e na região da boca do estômago, para que ficassem ágeis como o beija-flor.

Os meninos começavam a testar suas habilidades na caça de animais. Com o tempo, iam pegando experiência, até que o *ajebugixi* o escolhesse para ir em uma expedição de guerra.

Quando partiam para a guerra, os Munduruku pintavam o rosto com tinta de jenipapo. Os pajés tinham o rosto tatuado.

Imagem 10: Pintura facial dos xamãs.

Os pajés usavam dois *iğeybutaip* (hastes de madeira usadas como brincos), um na parte de cima e outro na parte de baixo da orelha. Os guerreiros utilizavam apenas um, na parte de cima da orelha. Além dos xamãs, só os *ajebugixi* (chefes) usavam dois *iğeybutaip* em cada orelha.



Fonte: Recorte de aquarela de Hercule Florence, 1925 a 1929.

Alguns guerreiros também tinham o resto tatuado. Alguns tinham o rosto completamente tatuado de preto, por isso ficaram conhecidos como “Munduruku cara-preta”. Os guerreiros pintavam o rosto com uma malha losangular nas bochechas e uma ponta para cima, parecido com um chifre, na direção do canto do olho. No pescoço se desenhavam linhas verticais paralelas, partindo do queixo e indo até uma linha na altura dos ombros.

Imagem 11: Pintura facial dos guerreiros.



Fonte: Aquarela de Hercule Florence, 1925 a 1929.

Imagem 12: Pintura facial feminina de guerra.

Essa mulher tinha o cabelo cortado porque algum parente próximo, o marido, um filho ou uma filha, foi morto ou capturado em guerra. Na fase inicial do luto, não se pode usar colar ou outros enfeites corporais. Por isso é provável que ela já tivesse saído do luto.



Fonte:

Recorte de aquarela de Hercule Florence, 1925 a 1929



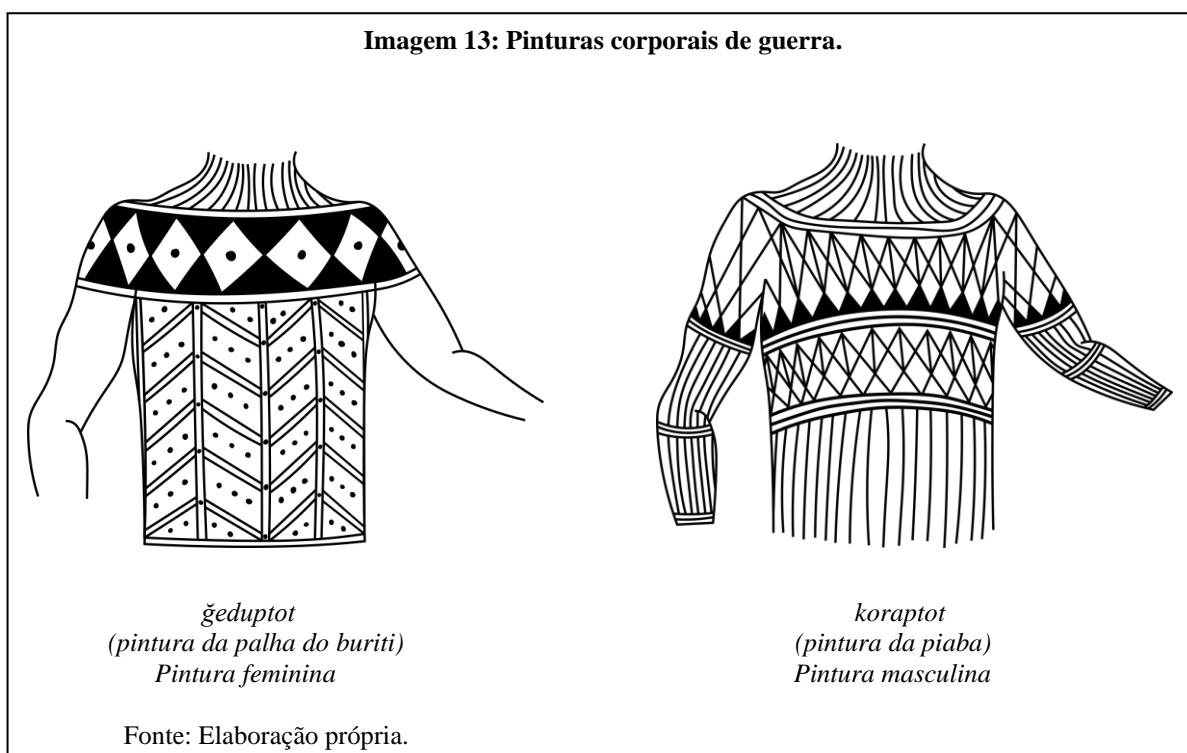
Fonte:

August François Biard, 1862

As mulheres, quando iam pela primeira vez para a guerra, tatuavam o rosto de uma orelha a outra, cobrindo a boca com uma meia lua preta. O queixo era tatuado com linhas cruzadas. Foi essa pintura que Karo Daybi criou para que Wako Borun usasse em sua guerra, para que ela não fosse reconhecida. Por isso as mulheres passaram a usar essa pintura de Wako Borun para ir para a guerra.

As pinturas no rosto (incluindo as tatuagens) serviam para que os guerreiros munduruku se identificassem uns aos outros durante a batalha, para que não atacassem seus companheiros por engano, já que a guerra acontecia geralmente quando estava escuro. As mulheres munduruku também pintavam o rosto. Por isso, quando viam uma mulher inimiga, que não tinha o rosto pintado, os guerreiros facilmente identificavam. Alguns guerreiros cortavam o cabelo do mesmo modo que seus inimigos para confundir as mulheres e crianças: quando saíam correndo, tentando escapar do campo de batalha, confundiam o guerreiro munduruku com um homem do seu próprio povo, e acabam capturadas

Os guerreiros também usavam pintura corporal quando iam para a guerra, chamada *koraptot*, “piaba”. As mulheres usavam sua própria pintura corporal de guerra, chamada *ğeduptot*, “palha de buriti”¹.



¹ Sobre as pinturas corporais munduruku, de modo geral, ver o trabalho de Marcelo Manhuari Munduruku (Munduruku, 2016).

Durante as expedições de guerra, os guerreiros consumiam comidas como *wejêm 'a* (um fruto da mata), tucumã, palmito de tucumã, mel de abelha e muitos mais. Por isso seu corpo era sempre forte e saudável. As mulheres tratavam seus filhos desde pequenos com o remédio *tadodá pik'tá* (caroço de uxi queimado) para que elas não sentissem fome quando fossem levadas em uma expedição de guerra, porque as expedições eram demoradas e se andava por longos períodos. Elas sabiam que as crianças iriam começar a chorar de fome, o que poderia chamar a atenção dos seus inimigos: eles poderiam ser descobertos por causa do choro da criança, então perderiam a oportunidade de atacar e teriam que fugir para outro lugar.

3.2 De como a guerra era feita

Antigamente, as pessoas iam para a guerra porque queriam uma cabeça de inimigo, ou uma mulher para se casar, ou um filho para criar. Com o tempo, o poder da cabeça ia acabando, por isso era necessário ir novamente atrás dos inimigos. Dessa forma, os Munduruku estavam sempre em guerra.

Quando decidiam partir para caçar a cabeça de seus inimigos, o *ajebuixi* selecionava os melhores guerreiros. Aquelas pessoas que tinham mantido relações sexuais durante a noite e as mulheres menstruadas não podiam ir, ficavam dentro de casa, porque elas poderiam trazer maus resultados para a guerra, e poderiam estragar a cabeça do inimigo, a cabeça poderia não servir. O *ajebuixi* também selecionava os xamãs mais fortes para acompanhar o grupo.

Antes da expedição sair da aldeia, os xamãs faziam um ritual². Ele fuma e canta, utilizando seu maracá e arco e flecha para afastar os animais perigosos, como cobra, escorpião, aranha e lacraia, do caminho dos guerreiros. Quando eles entram no mato, ele envia, através da fumaça, seu instrumento (*wamoat pubut*, “o brinquedo do pajé”³) para ver se tem inimigos no caminho. À noite, ele defuma o instrumento e envia os espíritos para olharem o caminho. Dois pajés brabos, que sabem se transformar em onça, também vão para verificar se há inimigos no caminho. Os inimigos também tinham xamãs, e por vezes eles matavam o instrumento que os xamãs munduruku mandavam - por isso nem todos retornavam. O instrumento do xamã era como um “informante” para o grupo de guerreiros. Eles também utilizavam pena de gavião para amansar seus inimigos e para que eles não percebessem quando os Munduruku estivessem se aproximando. Quando encontravam os inimigos, os xamãs munduruku lutavam com os

² Murphy afirma que “nenhuma cerimônia era realizada antes de saírem para a guerra” (1958: 53), mas ele estava equivocado.

³ É uma lâmina de taquara muito bem feita e bem bonita. É um espírito que, durante a noite, se transforma na coruja *kokok*, e durante o dia no gavião *in in*. Existiam vários tipos de instrumentos xamânicos: esse era específico para guerra, feito para cortar tudo que encontrasse pela frente.

xamãs do outro povo, e para isso tinham suas armas: o caroço de inajá era usado como se fosse uma granada, onde ela era atirada caía um raio, que destruía tudo ao redor; e a cauda de arraia, que é enviada para cortar seu inimigo.

Antes de os guerreiros partirem, o *ajebuixi* cantava, mandando-os para a guerra:

Tapú tapú, iğa suğemo iğa suğemo

Vamos, meus jovens

Ewoyda 'ap Ewoyda 'ap, etojowat etojowat

Levem seu conhecimento de se transformar em onça⁴

Wuydopağo wuydopağo hai ai ai i hai ai ai i

Para a nossa guerra, *hai ai ai i hai ai ai i* (o grito dos inimigos levando flechada)

Tapú tapú, iğa suğemo iğa suğemo

Vamos, meus jovens

Tapú tapú, iğa suğemo iğa suğemo

Vamos, meus jovens

Ewoyda 'ap Ewoyda 'ap, etuju 'õm etuju 'õm

Levem seu conhecimento de se transformar em onça

Awaidip kay Awaidip kay

Para dentro da mata

Os guerreiros cantavam em resposta:

Obuyxi obuyxi, Asubit mō asubit mō

Meu chefe, nós vamos mostrar (que somos capazes)

Atujuõm atujuõm, Woyewuyda 'apwoyewuyda 'ap

Vamos levar nossa conhecimento de se transformar em onça

Away dip kay Awaydip kay, Woydopağõ woydopağõ

Para dentro da mata, na nossa guerra

Atujuõm Atujuõm

Vamos levar

hai ai ai i hai ai ai i

(o grito dos inimigos levando flechada)

⁴ A música faz referência aos pajés brabos, que se transformavam em onça e comiam seus inimigos nas guerras.

As mulheres e as crianças também acompanhavam a expedição. Crianças pequenas iam porque eram carregadas pelas mães. Como as expedições duravam muito tempo, elas já estavam grandes quando voltavam. As mulheres levavam potes de cerâmica em seus cestos, para preparar a comida para os guerreiros. Elas também iam para cuidar dos guerreiros feridos, e muitas vezes aproveitam para pegar crianças para criar como filhos. Os homens também raptavam crianças, e aprisionavam mulheres inimigas para serem suas esposas. Eles não se casavam direto com elas. Demorava muito tempo, talvez um ano, um ano e meio, para elas se acostumarem. Só depois disso eles se casavam com elas.

Quando chegavam até a aldeia inimiga, eles enviavam guerreiros para ver se a aldeia estava habitada, e se tinha muitas pessoas lá. Quando os guerreiros voltavam, eles contavam o que viram e os guerreiros conversavam para organizar o ataque⁵. Não atacavam logo quando chegavam, nem atacavam durante o dia. Ficavam acampados perto da aldeia inimiga por dias, observando a movimentação das pessoas e esperando o momento certo para atacar. Eles esperavam um momento em que todos estivessem na aldeia, descansando. Por isso costumavam atacar na madrugada, logo antes do dia amanhecer, ou no fim da tarde, antes de escurecer. Nessas horas, também, o tempo dificulta a visão (o tempo neblinado do começo da manhã, e a luz do fim da tarde), o que ajudava os guerreiros a chegarem despercebidos. Eles sempre pegavam seus inimigos de surpresa.

Os guerreiros cercavam a aldeia e atiravam flechas de fogo⁶ para incendiar as casas. As crianças, as mulheres, os homens, todos saíam correndo de dentro das casas. Então ficava fácil para matar os inimigos. Quando uma criança saía correndo sozinha, um guerreiro ou uma mulher assobiavam chamando a criança para enganá-la, como se fosse sua própria mãe ou pai que estivesse chamando. Quando a criança parava para olhar, eles aproveitavam para agarrá-la. A mesma coisa no caso das mulheres, eles pensavam que era o marido, e acabava capturada. Elas eram amordaçadas com um cipó para não gritarem, e suas mãos eram amarradas para trás. As crianças também, porque gritavam muito alto⁷.

⁵ Tocantins também descreveu isso: “Se encontram algum trilho na espessura do mato, ou qualquer outro vestígio que indique a passagem de um ser humano, eles o estudam com tino e cautela admirável. Se apercebem uma cabana ou uma aldêa, fazem o reconhecimento no maior silêncio possível; e marcham com tal destreza, que não se ouve nem o ruído de folha seca que esmagam debaixo dos pés. Parece que andam sobre espesso tapete. Cercam a cabana e esperam em silêncio a madrugada” (1877: 95).

⁶ Existia uma ponta de flecha específica para isso.

⁷ Murphy & Murphy descreveram resumidamente todo esse processo: “Depois de talvez meses de viagem pelas florestas, eles cercavam uma aldeia inimiga à noite e lançavam um ataque ao amanhecer. Flechas ardentes eram atiradas em telhados de palha, levando os ocupantes desorientados para fora - para as lanças e flechas dos guerreiros mundurucú. Homens e mulheres inimigos eram massacrados e decapitados, e as cabeças-troféus colocadas em cestos de transporte. As crianças eram capturadas e trazidas de volta para serem criadas como Mundurucú” (1974: 80).

Quando o ataque começava, os guerreiros observavam bem seus inimigos para escolher uma boa cabeça para cortar: alguém que tivesse bons dentes, que serviriam para fazer um bom colar/cinto, e a cabeça grande, para que tivesse bastante massa cinzenta. Quando escolhiam seu alvo, atiravam suas flechas, com pontas feitas de pedra ou de esporão de arraia.

Imagem 14: Antiga ponta de flecha de guerra, feita de pedra.

Ponta de flecha de pedra encontrada na aldeia Karapanatuba, em 2022, e reutilizada para fazer nova flecha.



Fonte: Foto do autor

Quando seu inimigo caía morto, o guerreiro ia direto cortar sua cabeça, para que ninguém tivesse a oportunidade de cortá-la primeiro. Eles cortavam a cabeça com uma taquara afiada. O guerreiro, então, pintava seu rosto com jenipapo preparado por sua esposa, ou por outra parente sua que estivesse acompanhando a expedição: pintava um círculo ao redor do rosto, com uma cruz no meio e riscos na lateral da boca. Essa pintura servia para que seu espírito não saísse do corpo e fosse capturado pelas mãos-espírito que estavam dentro da cabeça do inimigo. Com o rosto pintado, agora o guerreiro poderia levar a cabeça do inimigo de volta para sua aldeia, sem o risco de que alguma coisa ruim acontecesse com ele.

Imagem 15: Pintura facial de proteção da alma do guerreiro.

Pintura facial de proteção da alma do guerreiro contra o espírito do inimigo morto. Na esquerda, o finado cacique Biboy com essa pintura no rosto. Na direita um esquema da pintura.



Fonte: Blog Faro Fino⁸

Saindo do campo de batalha, o guerreiro procurava palha de açai para embrulhar a cabeça do inimigo, e a levava para o lugar onde eles tinham acampado antes do ataque. Cada guerreiro acendia um fogo para moquear a cabeça que ele havia cortado. Quando estavam muito longe de casa, eles passavam remédios na cabeça para evitar que ela começasse a apodrecer. Então, faziam um cesto de palha de açai (*pağako*)⁹ para carregar a cabeça e voltavam para sua aldeia, levando o cesto nas costas. Quando o guerreiro conseguia uma cabeça, a guerra acabava para ele, já podia voltar para casa. O caminho era longo. Todos os dias no fim da tarde, quando paravam para acampar, o guerreiro acendia um fogo para continuar moqueando a cabeça de seu inimigo. Ia assim, todos os dias, até chegar na aldeia.

O corpo de alguns inimigos era usado como alimento. Da mesma forma que não se mata uma caça só por matar, também não se matava os inimigos só para tirar a cabeça: se não, o espírito do morto atacaria o guerreiro. Por isso aqueles guerreiros que só cortavam a cabeça do inimigo precisavam fazer a pintura no rosto, para se proteger. Algumas partes do corpo eram moqueadas e levadas de volta para a aldeia. Ainda no mato, era feito um caldo com o restante da carne, da mesma maneira como foi feito com Wako Orebu. Eram as mulheres que

⁸ <https://1.bp.blogspot.com/-TX41SR4j8kU/VBduk7awaOI/AAAAAAAAAdRc/RBgCgQwEIJ>.

⁹ Os cestos eram feitos apenas pelos homens. Para seu próprio uso, eles faziam cestos de palha de açai (*pağako*); já para as mulheres usarem, eles fabricavam cestos de palha de tucumã (*ico*). As mulheres usavam seu cesto para carregar suas coisas e a carne moqueada no inimigo, mas não a cabeça: elas levavam a cabeça na frente, abraçando a cabeça junto do peito, para que os espíritos dos antepassados não roubassem a cabeça.

preparavam, e todos comiam, menos o matador¹⁰. A carne moqueada era transportada pela mulheres, com seus cestos. Essa carne era consumida ao longo do caminho, mas parte dela chegava à aldeia.

Na aleia, a carne moqueada dos inimigos era colocada na *uk'sa* e entregue ao *ajebuixi* para ser distribuída. O *ajebuixi* convidava pessoas de outras aldeias para fazer uma festa de comemoração da expedição de guerra, quando a carne seria consumida por todos - menos o matador.

Os guerreiros tinham muita força nos braços, como a sucuri, e eram ágeis e rápidos como o beija-flor. Alguns dominavam seus inimigos combatendo em luta corporal: quando o inimigo estava saindo de sua casa pegando fogo, o guerreiro partia para cima e o agarrava, matando-o com sua faca de taquara. Atacava rápido, para que o inimigo não gritasse, tivesse uma morte rápida e silenciosa. Para eles, não importava se iriam matar ou morrer, porque tinham muita confiança em si mesmos, e tinham muita coragem para lutar. Os guerreiros tinham *pēm*, uma palavra que significa algo como “coragem”, “orgulho”, “valentia”. Quando voltavam vitoriosos, sentiam-se orgulhosos e felizes por ter sua própria cabeça. Vinham marchando alegres, cantando e dançando, tocando sua trombeta *ohô'a*, e entoando o hino de guerra, a música que Karo Daybi ensinou a seus guerreiros no final da história de Wako Borun (ver Capítulo 1).

3.3 O luto pelos guerreiros mortos pelos inimigos

Os inimigos dos munduruku também eram valentes e não desistiam fácil. Durante o combate, eles também matavam guerreiros munduruku. Quando um guerreiro era morto pelo inimigo, um *ibuiwat itit* do morto¹¹ tentava arrastar o corpo para longe. Nem sempre dava certo, porque os inimigos estavam atacando e a pessoa podia acabar morrendo também. Quando conseguiam arrastar o corpo para o mato, para longe do combate, eles tiravam um osso do

¹⁰ Parecido, portanto, com o ritual antropofágico tupinambá (Carneiro da Cunha & Viveiros de Castro, 2009). Mas, para os Munduruku, o caldo era comido ainda no mato, não na aldeia. O matador também não podia comer a carne moqueada do inimigo que ele matou. Ele podia comer o inimigo morto por outro guerreiro, mas não aquele que ele matou. Se ele comesse, ele poderia perder sua *ibiöbuk* (alma), e colocaria vida em risco.

¹¹ *Ibuiwat itit* é uma pessoa da metade oposta. Todos os clãs vermelhos formam uma metade, e todos os clãs brancos formam outra. Então se um guerreiro de um clã vermelho morresse na guerra, seria uma pessoa de um clã branco que tiraria seu osso para levar para a família. Mas não qualquer clã, apenas dos que são próximos. Porque os clãs se dividem entre aqueles que têm pena (como Karo, “arara vermelha” e Kara, “papagaio”) e aquelas que não tem pena (como Krixí, “seringueira” e Waro, “ucuúba”). Eu, por exemplo, sou Kaba, que é um clã vermelho de pena; então meus *ibuiwat itit* serão pessoas dos clãs brancos de pena, como Dace e Parawa, e nunca dos clãs de animais que não tem pena.

falecido¹². Esse osso era levado de volta pelo *ibuiwat itit* para a aldeia para que fosse enterrado. Como o corpo do guerreiro ficou largado no chão, sem ser enterrado, seu espírito não descansava. Ele perturbava seus parentes, ou até mesmo todas as pessoas da aldeia, para que seu osso fosse enterrado. As pessoas ficavam vendo seu *yaxik* (espectro do morto). Isso só quando seu osso era enterrado.

Quando a expedição de guerra estava se aproximando de sua aldeia, o *ibuiwat itit* que estava carregando o osso chorava alto, dando notícia do acontecido. Então as pessoas da aldeia sabiam que um parente daquela pessoa tinha morrido na guerra. Mas sua família já estava avisada, porque o pássaro *pupikpik* sempre avisa quando alguém morre: ele chega perto de uma casa e começa a cantar, então todos percebem que algo aconteceu.

O osso é entregue para a família, que o coloca sobre uma esteira de palha dentro da *uk'sa*. O osso fica lá por dois ou três dias, enquanto a família fica de luto. Depois é enterrado dentro da *uk'sa*, na metade que pertence a seu clã. Algumas pessoas que queriam ficar perto de seus parentes, levavam o osso para ser enterrado dentro de casa. A mãe tem direito de enterrar seu filho em casa para ficar perto dele: porque quando ela morrer, ela será enterrada lá, junto dele. O enterro era feito pelo *ibuiwat itit*, sempre pelas pessoas da metade oposta.

Às vezes o corpo do guerreiro morto era arrastado para longe do campo de batalha, mas não dava tempo de tirar o osso, porque os inimigos estavam atacando. Então, depois de um tempo, um *ibuiwat itit* voltava até o local para buscar o osso do falecido¹³.

Depois que o osso era enterrado, a família do morto tinha os cabelos cortados por seus *ibuiwat itit*¹⁴. As mulheres cortavam todo o cabelo bem curto, quase raspado. Já os homens, raspavam uma faixa de aproximadamente quatro dedos da testa até o topo da cabeça. Essa faixa era, então, pintada com cera de urucum, que servia para identificar que aquela pessoa estavam em luto¹⁵. As pessoas em luto ficavam proibidas de usar qualquer ornamento corporal. Os homens não caçavam, não faziam nenhuma atividade. As pessoas ficavam assim até que seu sofrimento diminuísse e elas conseguissem voltar à vida normal. Os homens voltavam mais rápido, mas as mulheres ficavam muito tempo de luto.

¹² Segundo Murphy, o osso era tirado do braço: “o úmero do Mundurucú morto era cortado e a carne retirada do osso depois que o braço era fervido e deixado secar ao sol” (1958: 54).

¹³ Murphy diz que, nessas situações, as pessoas fabricavam um osso do falecido usando um pedaço de taquara: “Além disso, quando o corpo estava perdido ou um grupo de inimigos estava em perseguição para se vingar e tais medidas draconianas [tirar o úmero] eram impossíveis, um osso de braço simbólico era feito de um pequeno pedaço taquara e devidamente enlutado, estimado e enterrado” (1958: 54). Fiquei curioso quanto a isso, porque nunca ouvi falar que isso era feito.

¹⁴ Alguns *ibuiwat itit* também cortavam em solidariedade à família do morto.

¹⁵ Murphy diz que os homens não cortavam o cabelo quando estavam de luto (1958: 54), mas isso é verdade. Eles cortavam o cabelo, mas de forma diferente das mulheres.

3.4 O preparo da cabeça

Todo o processo de preparação e ornamentação da cabeça era feito na aldeia. Logo que os guerreiros chegavam da guerra, eles iam diretamente para a *uk'sa*¹⁶. Os matadores entravam em resguardo, porque ficavam vulneráveis aos espíritos. Eles ficavam quietos na *uk'sa*. Não caçavam, não faziam nada, só ficavam deitados na *uk'sa*, fumando seu tabaco. Eles faziam isso para não ser atacados por algum espírito. Depois de mais ou menos um mês, voltavam a fazer suas atividades normalmente¹⁷. Só então começavam a preparar a cabeça.

A noite, durante todo o processo de tratamento das cabeças, os guerreiro cantava um canto especial, que servia para amansar os espíritos que estavam dentro da cabeça. Servia como uma espécie de proteção do guerreiro, para nada de ruim acontecesse com ele. Quando as pessoas escutavam essa música sendo cantada dentro da *uk'sa*, sabiam que alguém estava lá preparando sua cabeça, cozinhando, tirando os dentes, fazendo alguma coisa.

Cada guerreiro acendia um fogo e coloca uma panela de barro grande com água para esquentar. A cabeça era colocada para ferver nessa panela. Depois de cozinhar por bastante tempo, as partes ficavam moles, e então os olhos e os dentes eram retirados. Por último, o cérebro era retirado com o auxílio de um pedaço de taquara seca (parecido com uma ponta de flecha, bem afiada) feita especificamente para isso. A língua e a maioria do cérebro eram retirados pela parte de baixo da cabeça, onde pescoço foi cortado. Algumas partes do cérebro eram retiradas por cima, por um pequeno buraco feito no topo da cabeça (depois eles colocavam o cabelo por cima, para esconder o buraco).

Os olhos eram comidos, assim como a língua - só a traquéia era descartada. Os dentes e a língua eram retirados com muito cuidado, para não danificar a cabeça - principalmente a mandíbula, porque quebram fácil. O processo é longo, por isso é necessário muita concentração. Por isso eles ficavam dentro da *uk'sa*, para não serem distraídos por crianças, ou para não ter contato com uma mulher menstruada ou com uma pessoa que tenha feito relação sexual recentemente. Se uma mulher menstruada se aproximasse de algum guerreiro que estava

¹⁶ No tempo de Karo Daybi, ele levava as cabeças para preparar dentro de sua própria casa, por isso as pessoas pensavam que ele estava tratando uma paca que ele tinha matado. Ele só fazia assim, porque estava escondendo das pessoas. Às vezes ele levava também para a *uk'sa*, mas mantinha escondido lá, para ninguém ver - cada homem tinha seu próprio espaço dentro da *uk'sa*, por isso ele conseguia manter escondido dos outros. Mas depois que todos ficaram sabendo, e todos os guerreiros passaram a caçar a cabeça dos seus inimigos, então eles levavam a cabeça para tratar dentro da *uk'sa*.

¹⁷ Murphy (1958) diz que o resguardo do matador durava três anos. Na verdade, durava apenas um mês.

fazendo o processo de tratamento da cabeça, a cabeça poderia estragar, arriscando perder todo poder. Também era arriscado para própria mulher, que poderia se transformar uma *yapo at*¹⁸.

Depois de retirar os dentes e todas as partes moles, a cabeça era novamente submetida ao processo de *yamupurukruǵ* (moquear). Depois era passado óleo de andiroba e colocado para secar ao sol - o óleo de andiroba era usado para a pele não descolar o crânio e para o cabelo não cair. Para secar ao sol, a cabeça era colocada na ponta de uma vara de bambu, para que todos soubessem que aquela cabeça tinha dono - se colocassem em cima do jirau, por exemplo, alguma pessoa poderia pensar que a cabeça não tinha dono. Assim era feito várias vezes, alternando entre moquear e secar ao sol. Até o momento em que a cabeça ficava completamente seca e pronta para a ornamentação.

A ornamentação começava pelos olhos. Para preencher a cavidade do olho, era preparada uma massa misturando breu de colméia de abelha com óleo de *tanēbuda* (andiroba). Eles amassavam bem, bem mesmo - como as pessoas fazem com massa de pão -, até ficar uma homogênea, que é chamada de *tasuksuk*. Então o buraco dos olhos da cabeça era preenchido com essa massa. Por cima, eram colocados dentes de paca (eram usados somente os dois dentes da frente), ou pedaços de osso da pata do veado vermelho, preparados com cuidado.

Depois era colocado um cordão de algodão, feito pelas mulheres, com algodão plantado na roça. Depois de colhido, elas faziam o fio com um instrumento chamado *borōbu'a* (fuso de fiar algodão). O cordão era inserido por baixo da cabeça, e o meio do cordão era puxado pela boca - ficava pendurado, fazendo uma volta, como se fosse a língua da cabeça¹⁹. A boca era mantida fechada, e preenchida com a mesma massa de *tasuksuk*, que mantinha cordão preso. Dentro do crânio, era dado um nó no cordão, e cada ponta era retirada por uma orelha. Quando a cabeça tinha cabelos compridos (no caso de mulheres), eles eram amarrados de cada lado com o cordão que saía da orelha. Quando tinha o cabelo curto (no caso de homens), o cordão ficava pendurado das orelhas.

¹⁸ *Yapo at* é uma “mulher oferecida”, que procura relação sexual com qualquer homem.

¹⁹ Quando matavam alguns animais terrestres, uma anta, um veado ou um queixada, eles observaram que os bichos morriam com a língua para fora. Por isso compararam, e resolveram colocar o cordão pendurado pela boca da cabeça, como se fosse sua língua. Eles ornamentavam assim para ter sorte com a cabeça, para que, quando o guerreiro saísse para caçar, atraísse os animais em sua direção. Quando matava esses animais, eles caíam com a língua para fora. Quando paravam de cair com a língua para fora, ele sabia que a cabeça estava perdendo sua força.

O passo seguinte era enfeitar as orelhas com penas. Cada guerreiro só podia utilizar as penas de seu próprio clã ou de clãs aparentado. Porque nem todos os clãs são de animais que tem pena. Os clãs Krixí (seringueira), Akay (taperebazeiro), e Cõgõ (uma aranha), que não tem pena, teria que utilizar as penas de arara canindé (Parawá, clã branco) ou gavião real (Dace), que também são clãs brancos. Já os clãs Waro (ucuúba), Saw (formiga vermelha), Yori (jacaré-açú) poderiam usar as penas de arara vermelha (Karo), papagaio (Aro) e mutum (Witõ), que também são clãs vermelhos. As pessoas sempre davam penas para os guerreiros que chegavam com uma cabeça, para que pudessem enfeitar suas orelhas. Não era qualquer pessoa que podia oferecer penas, somente pessoas do mesmo clã ou de clã aparentado ao do matador. As penas eram amarradas no cordão de algodão que saía da orelha. Junto à orelha, era feito bolas de pena; dessas bolsos eram penduradas linhas com chumaços de pena. Mas isso dependia do tamanho do cabelo, porque os chumaços de pena tinham que ser do mesmo tamanho do cabelo, não podiam ser maiores.

Imagem 16: Cabeça de um índio Maué preparada por um Munduruku.

Cabeça de um índio Maué preparada por um Munduruku (Rio Arinos, Brasil). Litografia de Delahanye em Castelnau (1855: frontispício). As penas usadas são principalmente de arara canindé (Parawá, clã branco)



Fonte: Schlothauer, s/d., p. 10

Imagem 17: Cabeça parintintin.

Cabeça parintintin (WMW 1234-11236, apud Schlothauer, s/d., p. 14). As penas usadas são principalmente de mutum (Witô, clã vermelho).



Fonte: Schlothauer, s/d., p. 14

Depois enfeitar as orelhas com penas, o processo de tratamento da cabeça estava encerrado.

3.5 Os dentes

Os dentes arrancados da cabeça de um inimigo não podiam ser deixados em qualquer lugar. Assim que tirava um dente, o guerreiro colocava dentro de sua própria boca para guardar, não deixava apoiado no chão, ou em qualquer lugar. Ele fazia assim para que ninguém pegasse os dentes de sua cabeça. Ele se protegia das pessoas, mas também dos *iba'arêmrêm ayū* (espíritos dos antepassados, que são invisíveis para as pessoas comuns), que também podiam roubar os dentes, sem que pessoa percebesse²⁰. Durante todo o processo de tratamento da cabeça, ele tomava muito cuidado com os dentes. À noite, guardava os dentes dentre de sua própria boca, para ninguém pegar enquanto ele estivesse dormindo.

²⁰ Os espíritos dos antepassados são interesseiros. No mundo deles, há fartura de comida, de tudo. Mesmo assim, eles sempre querem que os vivos ofereçam comida para eles; se uma pessoa não oferecer, os espíritos dos antepassados podem fazer alguma coisa de ruim para aquela pessoa, provocar algum acidente, uma picada cobra etc. Eles não precisam dos dentes, mas mesmo assim tentam roubar do guerreiro para prejudicar ele.

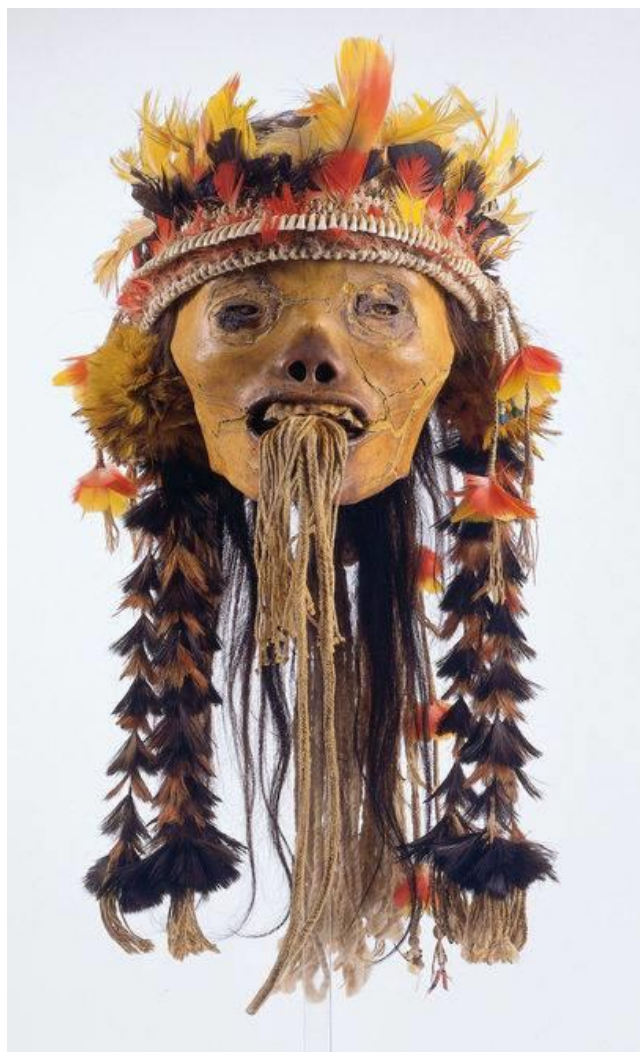
Depois de terminado o processo de tratamento da cabeça, então a última etapa era fazer colares e cintos com os dentes. Primeiro, os dentes eram colocados de molho dentro de vasilhas de cerâmicas feitas pelas mulheres. Na *uk'sa*, o guerreiro lixava os dentes em uma pedra, para deixá-los bem brancos. Depois eram furados com *pokodadao* (um espinho comprido) - os dentes amoleciam depois de ficar de molho na água. Então, eram costurados com linha de algodão, formando um cinto, colar ou bracelete, que também eram enfeitados com penas em algumas partes.

Esse colar era muito demorado de se fazer, pois os dentes de uma única cabeça não eram suficientes. O guerreiro juntando os dentes de cada cabeça de inimigo que ele cortava, até ter uma quantidade suficiente para fazer um colar. Os dentes eram guardados em um pequeno cesto de palha feito especificamente para isso. Poderia demorar vários anos. Só então ele preparava os dentes para fazer seu colar.

Quando chegava o tempo de algum ritual importante, o *ajebuixi* era presenteado com colares de dentes. Os guerreiros faziam colares para si mesmos, mas também faziam colares para presentear o *ajebuixi*. Porque era ele quem comandava a aldeia e a

uk'sa. Cada guerreiro coloca o colar que doava no corpo do *ajebuixi*: um colocava em um braço, outro colocava no outro braço, outro colocava no pescoço, outro colocava na cintura, e assim seu corpo ficava quase todo coberto de dentes. Os *ajebuixi* andavam cobertos de dentes de inimigos.

Imagem 18: Colar de dentes enfeitando uma cabeça.



Fonte: Instituto Paulista de Arqueologia²¹

²¹ <https://www.facebook.com/180616532076810/posts/1439089722896145/>

3.6 A guerra das mulheres

As mulheres também iam para a guerra, mas apenas para ajudar os homens: elas preparavam comida e cuidavam dos guerreiros feridos²². Elas também pegavam crianças do povo inimigo para criar como filhos. As mulheres também eram muito bem preparadas, como os homens. Caminhavam longas distâncias, carregando peso, sem se cansar. Elas não desistiam fácil, eram fortes como os homens. Elas iam na expedição principalmente para capturar crianças inimigas. Mesmo assim, algumas delas eram capturadas pelos inimigos.

Quando uma expedição de guerra estava sendo organizada na aldeia, as mulheres diziam: “Eu vou para pegar uma criança pra mim!” Quando o grupo de guerreiros cerca a aldeia inimiga para o ataque, as mulheres ficavam escondidas, prontas para entrar em ação. Quando os guerreiros começavam a incendiar suas casas, as mulheres inimigas saíam correndo para todos os lados, igual a um bando de queixadas se espalhando. As crianças também saíam correndo, procurando a mãe. Então, as mulheres munduruku assobiavam para a criança, se passando por sua mãe. As crianças maiores, com 5 ou 6 anos, que já tinham *itabusat* (“discernimento”), sabiam que não era sua mãe e continuavam correndo, elas escapavam. Não era fácil capturá-las. Mas as menores ainda não tinham *itabusat* e paravam para olhar: era quando as mulheres munduruku as capturavam.

Essas crianças eram levadas de volta para a aldeia pelas mulheres, e eram criadas como seus próprios filhos. As mulheres confeccionavam enfeites com envira de tawarí para identificar o clã das crianças: usavam envira de tawarí branco, para os clãs brancos, e envira de tawarí vermelho, para os clãs vermelhos. Eram treinadas desde pequenas para ter agilidade e boa pontaria de flecha, para

Imagem 19: Criança ornamentada com envira de tawarí branco.



Foto: Professor Brasimar Dace, aldeia Katõ

²² Tocantins descreveu o papel das mulheres da seguinte maneira: “Sempre que é possível, cada guerreiro é acompanhado pela mulher ou por uma irmã. O officio d’esta vivandeira, que às vezes não tem mais de quinze a dezesseis annos, consiste em armar a rêde do guerreiro nos ramos das arvores, preparar para elle a castanha, transportar qualquer carga, ajudar a preparar a cabeça do inimigo e a trazer os cativos; enfim ella encarregava-se de tudo quanto é necessario, afim de deixa-lo integralmente desembaraçado para o ataque” (1877: 94).

que se tornassem bons caçadores. As meninas eram treinadas desde cedo para trabalhar com agricultura, plantar boas roças, carregar lenha e preparar os alimentos.

Ainda nos dias de hoje existem alguns Munduruku que passaram por este processo, que foram capturados por seus pais em batalha com outros povos. Hoje eles são considerados como qualquer outro Munduruku mas, em sua origem, são descendentes de *deíwat*. Existem alguns Munduruku vivos hoje que são descendentes de Kayapó, por exemplo. Essas pessoas ganharam nomes e um clã munduruku, para que tenham a proteção dos *iba'arêmrêm ayū* (espíritos dos antepassados); se elas não tivessem ganhado um nome e um clãs munduruku, os *iba'arêmrêm ayū* não iriam gostar, iriam capturar o *ibiōbuk* (alma) dessa pessoas, que acabariam morrendo. Também são amadas e respeitadas pelos seus pais.

As mulheres iam para a guerra, mas não para a batalha: só os homens eram matadores. Mas elas também podiam ganhar uma cabeça. Durante a batalha, algumas mulheres inimigas podiam ser mortas por engano. Já outras eram mortas de propósito, para cortar sua cabeça. Os homens presenteavam as mulheres, suas parentes próximas que estavam os acompanhando na expedição de guerra, com a cabeça de mulheres inimigas. As cabeças que os homens tomavam para eles mesmos eram sempre cabeças de homens inimigos; as das mulheres, sempre de mulheres inimigas²³.

As cabeças que ganhavam de presente eram trazidas pelas mulheres para a aldeia, carregadas em um cesto nas costas. Elas faziam o mesmo processo de preparação da cabeça que os homens, e também era feito dentro da *uk'sa*. A diferença era o modo como as penas eram colocadas na orelha. Nas cabeças de homens, as penas eram colocadas soltas, diretamente no cordão que saía do ouvido. Nas cabeças das mulheres, como tinham cabelo comprido, o cabelo era dividido em duas partes e amarrado com o cordão que saía da orelha; as penas eram colocadas sobre o cabelo amarrado.

²³ Tocantins (1877: 84-85) conta a história de um Munduruku que lhe deu uma cabeça de mulher de presente. Ele diz que as mulheres inimigas não eram mortas na guerra e que o guerreiro tinha matado aquela mulher por engano. Isso às vezes realmente acontecia. Mas os guerreiros também matavam mulheres inimigas de propósito, para cortar sua cabeça e dar para uma parente sua.

Imagem 20: Cabeças de mulheres.



Fonte: John George Wood, 1880



Fonte desconhecida²⁴

As mulheres utilizavam suas cabeças para gerar fertilidade em suas roças. As cabeças serviam para *ibadiptata am*, para fazer companhia na roça: as mulheres levavam a cabeça para roça, depois traziam novamente para casa.

3.7 Como as cabeças eram guardadas

As cabeças eram guardadas dentro da *uk'sa*. Cada guerreiro tinha um lugar certo na *uk'sa*, onde armava sua rede e guardava seus pertences, incluindo a cabeça. Durante o processo de preparação, a cabeça era pendurada na parede da casa dos homens por meio do cordão de algodão que saía pela boca.

(Fonte: Friedrich Ratzel, 1864).

Quando a cabeça já estava pronta, ela era colocada na ponta de uma vara de bambu. Em algumas cabeças, era feito um furo no topo do crânio para que a ponta da vara pudesse ter

Imagem 21: Cabeça pendurada na *uk'sa*.



Fonte: Friedrich Ratzel, 1864.

²⁴ <https://mundurucu.com/images/tribes/mundurucu/>

Imagem 22: Guerreiro munduruku com sua cabeça na ponta de uma vara.



Fonte: Barbosa Rodrigues, 1882.

um local de apoio, de modo que a cabeça ficasse firme na vara. O furo era feito com muito cuidado, para ficar bem redondinho, e a ponta da vara era amarrada com linha de algodão. Depois cobriam o furo com os cabelos, para não ficar aparente. Já outras cabeças não eram furadas, a vara era amarrada por baixo, com linha de algodão. Depois que a vara era colocada, a cabeça era guardada na casa dos homens por meio dela, fincando a vara no chão.

As cabeças eram muito valorizadas, e seus donos, homens ou mulheres, ficavam sempre junto delas. Tudo que iam fazer, fincavam a cabeça à sua frente, para que pudessem ficar de olho. Quando iam dormir, da mesma forma²⁵. Os donos nunca deixavam as cabeças de lado, ou ficavam de costas para elas, para que ninguém pegasse sua cabeça. Da mesma forma como acontecia com os dentes, os *iba'arêmrêm ayū* (espíritos dos antepassados) também ficavam sempre tentando pegar a cabeça, pois isso os guerreiros nunca tiravam os olhos de suas cabeças.

3.9 A utilização das cabeças

As cabeças eram usadas para fartura na caça, na roça, e na coleta de frutos do mato. Isso começou no tempo de Yori Cuğ'pu. Ele era excelente caçador, e sempre matava muitos animais: seu olhar era poderoso e atraía os animais de caça, por isso ele conseguia matar tantos bichos. Quando olhavam para Yori Cuğ'pu, através de seu poder, os animais o viam como sua mãe (*pucaxi*, “a mãe dos animais”), por isso iam até ele. Por causa dele, todo seu povo também

²⁵ O relato de Tocantins exemplifica isso. Ele cota que um Munduruku lhe presenteou com uma cabeça, mas seguiu o acompanhando da aldeia, que era no campo, até a beira do rio: “Durante este trajecto, quando se aproximava a noite e tinhamos de pousar, o índio fincava em terra, junto à sua rêde, uma haste que trazia expressamente para isto, e sobre ella suspendia a cabeça, como em um cabide, cobrindo-a cuidadosamente com uma toalha que lhe havia dado. Ao amanhecer, seu primeiro olhar era para ella: punha-a sobre seu collo, penteava-lhe com os dedos os longos cabellos e acariciava-a, como se fosse uma filha querida” (1877: 84-85).

tinha esse poder. Já Karo Daybi não. Ele sempre caçava com seus irmãos, mas só matava *xiri* (inhambu), que é uma caça pequena. Por isso ele foi atrás das cabeças do povo de Yori Cuğ'pu, para ter o poder de seu olhar e atrair os animais. Logo quando ele conseguiu cortar a primeira cabeça, seus irmãos mataram muitas pacas. Era dessa maneira que as cabeças eram usadas, porque os inimigos mortos em guerra foram todos criados por Yori Cuğ'pu, por isso suas cabeças tem esse poder. As cabeças dos Munduruku não têm esse poder, não poderiam ser usadas para isso.

Karo Daybi tinha muitos poderes mas, no começo, não sabia caçar. Foi depois que aprendeu com Mureko Doybu a cortar a cabeça de seus inimigos que passou a caçar. Quando a primeira cabeça, ele começou a cantar para que o espírito que estava dentro da cabeça não a abandonasse, para que a cabeça continuasse viva. Dentro da cabeça dos inimigos fica a *pucaxi*, “mãe dos animais”: é por isso que os bichos se sentem atraídos por ela e vão em sua direção. Esse poder era usado pelos guerreiros para conseguir fartura na caça.

As expedições de guerra aconteciam no período da seca. A caça dos animais ocorria no período das chuvas, quando os guerreiros já tinham retornado de suas expedições e preparado suas cabeças. Do lado de fora da aldeia, mas bem perto, existia uma pequena casa ritual chamada *kado'ku*, que servia especificamente para os rituais de caça²⁶. Quando os guerreiros iam caçar, eles levavam suas cabeças até o *kado'ku* e fincavam ela no chão. Então um cantador entrava casa. O cantador era um homem que sabia mexer com as cabeças, conhecia as músicas de todos os animais, e se comunicava com os animais por meio desses cantos; podia ser uma xamã ou não. Ele ficava sozinho na *kado'ku* e cantava as músicas de todos os animais, segunda uma cabeça na mão e batendo a vara contra o chão. Ele cantava com todas as cabeças que estivessem na *kado'ku*. Por que algumas cabeças poderiam ter perdido parte da sua força, por isso se utilizavam várias cabeças. Cantando com as cabeças, ele chama atenção das mães dos animais, que vão trazendo seus filhos para perto dele.

Os caçadores ficam do lado de fora, só ouvindo o canto. Ficam lá por um tempo, esperando os animais se aproximar, até que decidiam partir para a caça. Por isso sempre conseguiam matar vários animais, trazendo uma fartura de carne de volta para a aldeia.

O cérebro da cabeça, que havia sido tirado no processo de preparação, também era usado para atrair a caça. Depois de tirado da cabeça, ele era colocado perto do fogo para secar.

²⁶ *Kado'ku* é também o nome de uma flauta feita do bambu *hó'ô uk*. A flauta ficava dentro dessa casa era usada pelo pajé para proteger a aldeia. Dentro da *kado'ku* também estavam *pucaxi*, mães dos animais, *kapido*, a mãe das plantas, e os espíritos dos antepassados. Perto da flauta fica um crânio de anta: juntos, eles permitiam controlar esses espíritos. O pajé cuidava sempre dessa flauta, porque se ela morresse, o povo da aldeia iria ficar sem comida, porque, sem suas mães, todos os animais e as plantas comestíveis iriam acabar.

Quando estava bem seco, era pilado e transformado em pó. Depois esse pó era misturado com cera de urucum. Todo vez que o guerreiro ia caçar, ele passava essa mistura no canto dos olhos, na ponta das flechas e na extremidades do arco: isso, o caçador ficava com um cheiro atrativo para os animais, como se fosse um parente deles. Então, os animais em sua direção.

Quando as pessoas iam coletar frutos no mato, castanha do pará, buriti, açai, jubá, bacaba etc., se fazia algo semelhante, porque a cabeça também tinha influência sobre *kapido*, a mãe das plantas. *Kapido* é uma velha baixinha de longos cabelos brancos que fica andando por todos os lugares, cuidando das plantas, que são suas filhas. As pessoas dizem: “Nós estamos interligados com as plantas”. Porque as plantas estão vivas, assim como o rio. Por isso não se pode tirar todos os frutos de uma árvore, tem sempre que deixar um pouco, para não maltratar a planta, se não *kapido* pode se vingar da pessoa. Da mesma forma se alguém arrancar mandioca e não levar para casa, deixar largado no chão. Então *kapido* vai ficar com raiva: “Ah! Você não quer fazer farinha?! Então da próxima vez que você plantar a raiz não vai engrossar”.

Para cada fruto do mato existe uma música específica. Antes de sair para coletar, então, as pessoas se reuniam para cantar as músicas dos frutos que queriam coletar. Mas isso só no tempo daquele fruto: se não estivesse na época certa, as pessoas nem saíam para procurar. Dentro *uk'sa*, um pajé defumava as cabeças, para que os espíritos *pucaxi* que ficavam dentro das cabeças se comunicassem com *kapido*, chamando sua atenção para que ela pudesse garantir a fartura. *Kapido* e *pucaxi* se comunicam, porque as plantas e os animais precisam uns dos outros para viver: todo lugar que tem fruta também terá animais.

Do lado de fora da *uk'sa* homens, mulheres e crianças se reuniam para cantar as músicas em homenagem (*tobededem*) aos frutos. Ouvindo a música, as árvores frutíferas ficam animadas e generosas com as pessoas, então se podem colher muitos frutos. Essas, por exemplo, são as músicas em homenagem ao *wapurũm* (açai), ao *iğedup* (buriti) e ao *iwajo* (bacaba/patauá):

Ũĩĩ Ũĩ Ũĩ Ũĩ, Wapurũm acã ijop
Ũĩĩ Ũĩ Ũĩ Ũĩ, Esse é o açai

Wapurũm kudip, Wapurũm kudip
Açaizal

Iguto owẽbe
 (Açai respondendo) “Ah, vocês estão falando para mim!”

Jewakit kin ġu mo
Cacho (de açai) nascendo

Jewaje jedot tatam

Com as flores e as frutinhas enfeitando o cacho

Iguto igo wamõtõtã pu

(Açaí respondendo): “Estão falando para mim, (*wamõtõtã pu*, sem tradução)”

Ûĩĩ Ûĩ Ûĩ Ûĩ, iğedup acã ijop

Ûĩĩ Ûĩ Ûĩ Ûĩ, Esse é o buriti

Egeybu dot tigrere

Com o cacho pendurado como se fosse um brinco

Iguto owẽbe

(Buriti respondendo) “Ah, vocês estão falando para mim!”

Jewakit kin ġu mo

Cacho (de buriti) nascendo

Jewaje jedot tatam

Com as flores e as frutinhas enfeitando o cacho

Iguto igo wamõtõtã pu

(Buriti respondendo): “Estão falando para mim, (*wamõtõtã pu*, sem tradução)”

Ûĩĩ Ûĩ Ûĩ Ûĩ, Iwajo acã ijop

Ûĩĩ Ûĩ Ûĩ Ûĩ, Essa é o bacaba/patauá

Iwajo acã ijop, parare up pijo ġun

Essa é o bacaba/patauá, parecido com a bunda da ema

Iguto owẽbe

(Bacaba/Patauá respondendo) “Ah, vocês estão falando para mim!”

Jewakit kin ġu mo

Cacho (de bacaba/patauá) nascendo

Jewaje jedot tatam

Com as flores e as frutinhas enfeitando o cacho

Iguto igo wamõtõtã pu

(Bacaba/patauá respondendo): “Estão falando para mim, (*wamõtõtã pu*, sem tradução)”

E assim há músicas para todos os frutos do mato. Cada uma delas fala o nome e uma característica do fruto, mas o restante da música é igual.

Nas expedições de coleta, vão homens, mulheres e crianças. Por isso todos cantam essas músicas juntos, reunidos do lado de fora da *uk'sa*. Depois de cantar, saem para buscar os frutos.

No caso da roça, acontecia da mesma forma. Mas só as mulheres cantavam do lado de fora da *uk'sa*, enquanto o pajé defumava a cabeça do lado de dentro, para chamar atenção de *kapido*. As músicas em homenagem às plantas de roça também alegram as plantas, para que cresçam rápido, se desenvolvam bem e tenham raízes fortes. Depois de cantar, as mulheres partiam para a roça. Essa é a música em homenagem às plantas cultivadas na roça.

Wuydobe du ip
Homenageando

Musuk cererêêê poopoo
Maniva, deitada (quando é plantada), depois em pé (quando nasce)

Yat poromo ka ato bedede, ato bedede
Vamos cantar a música dela, vamos cantar

Musuk pito pito 'at
Maniva respirando

Wuydobe du ip
Homenageando

Musuk cererêêê poopoo
Maniva, deitada (quando é plantada), depois em pé (quando nasce)

Yat poromo ka ato bedede, ato bedede
Vamos cantar a música dela, vamos cantar

Musuk pito pito 'at
Maniva respirando

Away pito pito 'at
Cará respirando

A mandioca e o cará são as plantas principais da roça, e são plantadas sempre juntas. Se não tiver mandioca e cará, as filhas das outras plantas vão ficar chorando, não vão nascer. É através da mandioca doce que as outras plantas respiram, é ela que alimenta as outras plantas, como se estivesse amamentando.

Essa música é repetida várias vezes, e cada vez termina falando de uma planta diferente, uma planta que vai ser alimentada pela mandioca.

3.9 As cabeças dos animais

Para obter sucesso na caça, os caçadores munduruku também se tratam com remédios caseiros feitos com plantas. O crânio de um animal morto, que é colocado em algum lugar na aldeia, se comunica com os animais vivos de sua espécie, e pode avisá-los que o caçador está indo atrás deles. Esses remédios servem para evitar que isso aconteça. Servem também para seduzir o animal: quando o vê, ele gosta do caçador e se dispõem para morrer.

Quando os animais são comidos, seus restos não são jogados em qualquer lugar, principalmente a cabeça, pois ela poderia roubar a alma do caçador, ou até mesmo de uma pessoa próxima a ele, como sua esposa ou seu filho. O miolo é comido²⁷, e os crânios são cuidadosamente guardados em algum lugar da casa. Os melhores crânios são selecionados e pendurados nas paredes próximo do fogo, para que estejam sempre moqueando com a fumaça. Os crânios são pendurados com cordas, mas separados por espécies: uma corda para as cabeças de macaco, outra para as de cutia, e assim por diante. Algumas pessoas usam *biocut*, um galho com vários ramos laterais (parecido com um cabideiro) que é fincado no chão, perto do fogo; as cabeças são penduradas nas pontas que saem do tronco principal, e algumas delas colocadas no topo.

Antigamente, os caçadores usavam as cabeças de seus inimigos para atrair fartura na caça. Mas depois que a guerra acabou, eles passaram a utilizar as cabeças de animais para o mesmo propósito, pois as *pucaxi* também ficam dentro delas; mas não de qualquer animal, apenas da paca. Essas cabeças não são enfeitadas, como eram as dos inimigos mortos, apenas o crânio é utilizado²⁸.

Depois que a paca é comida, sua cabeça é colocada no sol. Logo começam a chegar muitos insetos - é por isso que sabemos que ela irá atrair muitos animais, desde desse momento ela mostra sua força. Com o passar dos dias, os restos de carne começam a apodrecer e aparecem vermes. Esses vermes são separados e secados no fogo. Depois são pilados para fazer um pó, que é passado na testa e no focinho dos cachorros, para que eles tenham um bom faro na caça²⁹. O crânio da paca continua no sol, até ficar bem seco. Então, ele é torrado no fogo e pilado para fazer um pó, que é misturado com cera de urucum. Essa mistura é passada nos punhos, cotovelos, tornozelos, joelhos, na sola dos pés e no canto da boca dos caçadores. Isso

²⁷ Só os adultos podem comer. Se uma criança comer o miolo de uma caça, ela irá perder seu *itabusat*, seu discernimento ou juízo, e irá crescer como se fosse deficiente mental.

²⁸ O crânio da paca é utilizado para atrair os animais de caça. Já o crânio da anta, é usado para tratamento xamânico, para trazer de volta a alma de uma pessoa roubada pelos animais

²⁹ O crânio do crânio do caititu, torrado e pilado, também é usado nos cachorros, passando na testa, no focinho e no meio dos dedos, e colocando em sua comida.

traz sorte para o caçador. Ele atrai os animais: quando os bichos o veem no mato, eles ficam atraídos, porque olham para ele e acham que é sua própria mãe: por meio do uso dessa mistura, a alma do caçador se transforma em *pucaxi*, enganando os animais.

3.10 Alguns comentários sobre o trabalho de Murphy

Murphy fez um relato sobre as cabeças-troféu munduruku. Em muitos, o que ele diz está correto. Mas há algumas questões que geram dúvidas. Para terminar esse capítulo, vou comentar algumas delas.

Murphy diz que, quando voltava para a aldeia, o guerreiro que cortava a cabeça de seu inimigo era “homenageado com o título de *Dajeboiši*, ou Mãe do Queixada” (1958: 54). Essa palavra “*dajeboiši*” está escrita de forma errada, e não dá para entender exatamente o que ele quer dizer. A “mãe da queixada” é *dajexi*. Mas a palavra que ele escreve se parece como *ajebuixi*, “chefe”. Mas, para se tornar *ajebuixi*, a pessoa precisava passar por uma cerimônia especial, não bastava cortar a cabeça de um inimigo. Por outro lado, o guerreiro não era chamado de *dajexi*: o que acontecia é que o espírito *dajexi* estava dentro da cabeça do inimigo.

Murphy fala que eram realizadas três cerimônias com a cabeça, ao longo de três anos. A primeira seria chamada de “*nyenborotaptam*, ou Decoração das Orelhas” (id.: 54); a segunda de “*tašegon*, ou Tirando a Pele da Cabeça” (id.: 56); e a terceira “*taimetoröm*, ou Pendurar os Dentes” (id.: 56). A palavra “*nyenborotaptam*” se escreve dessa maneira, *iğeybudot tatam*, e significa mesmo “decorar as orelhas”.

Mas nunca ouvi falar de que era preciso uma festa para decorar as orelhas: cada guerreiro guerreiro decorava sua própria cabeça, dentro da *uk’sa*, não dependia de outras pessoas. A palavra “*tašegon*”, que se escreve *ayxee’ōm*, não significa “tirar a pele da cabeça”: a palavra quer dizer “comer o couro da cabeça”. Mas também nunca ouvi falar dessa cerimônia. O grupo dos *oropo*, “urubus”, realmente existia (hoje não existe mais), mas não estava ligado às cabeças. Era um grupo de homens que se transformavam ritualmente em urubus para fazer sua brincadeira. Quando um caçador matava sua caça, ele oferecia uma parte para eles. Então, eles pegavam os pedaços de carne no chão e jogavam para o alto, parecido com urubu comendo. Nessa brincadeira as mulheres e crianças também participavam. Sempre que se matava caça acontecia essa brincadeira.

A palavra “*taimetoröm*” se escreve da seguinte maneira, *tūymutoröm*, e significa mesmo “pendurar os dentes”. Mas também nunca ouvi falar dessa festa, nem da parte que os jovens corriam para o mato e eram capturados ritualmente. A primeira coisa que se fazia com a cabeça não era enfeitar as orelhas, mas sim arrancar os dentes. Por isso é estranho ele falar que só no

segundo ano os dentes eram arrancados. Além disso, Murphy diz que os cintos de dentes não eram usados, mas eram sim. Só o *ajebuixi* podia usá-los como cinto, mas somente durante sua cerimônia de reconhecimento como chefe. Mas os cordões de dentes podiam ser usados pelo dono da cabeça nos braços, ou como colar, como forma de trazer sorte na caça, de inimigos ou de animais.

Durante essa terceira fase do ritual, Murphy menciona “o festival de canções das *Darekši*, ou Mães do Arco” (id.: 56). Nunca ouvi falar nesse festival, nem em “*darekši*” - que na verdade se escreve *darukxi*. O que sei é que, no tempo de Karo Daybi, os arcos, *daruk*, eram gente. A palavra *daruk* se refere à sua forma de arco. Mas na forma de gente, elas eram chamadas de *kabañn*, que era uma mulher. De gente, ela se transformou em uma árvore enorme, e de cada pedaço de seu corpo, os homens fizeram seus arcos.

No passado se faziam festas para comemorar as cabeças, depois que se voltava da guerra; mas não da maneira como Murphy descreve. Acho que era isso que ele estava tentando descrever. Quem começou isso foi Karo Baun’pu - antes dele, Yori Cuğ’pu fazia festas de comemoração de suas caçadas de animais, mas foi Karo Baun’pu que começou a fazer festa para comemorar a caça de cabeça dos inimigos. Ele chamava seus parentes de outras aldeias e fazia uma grande cerimônia, com comida, cantos e danças. Mas era apenas uma festa para comemorar, não era para preparar as cabeças. Depois dele, os Munduruku continuaram fazendo essas festas de comemoração.

CONCLUSÃO

Existem outros povos, além dos Munduruku, que faziam guerra de forma parecida. Dentre eles, estão os Tupinambá quinhentistas. Assim como os Tupinambá, os Munduruku matavam e comiam seus inimigos. Parte da carne era moqueada para comer, e outra parte servia para fazer um caldo para comer com mingau *dao*. Sempre que chegavam da guerra trazendo os corpos dos inimigos, todos comiam, menos o matador. Mas, diferentemente dos Tupinambá, o objetivo da guerra munduruku era cortar a cabeça dos seus inimigos: a guerra não era feita por vingança, como acontecia com os Tupinambá (Carneiro da Cunha & Viveiros de Castro, 2009). Os Munduruku buscavam as cabeças de seus inimigos para que pudessem controlar *pucaxi*, a mãe dos animais, e *kapido*, a mãe das plantas, para elas trouxessem suas filhas e filhos para perto das pessoas, para ter fartura de comida.

É nesse sentido que se poderia dizer que as cabeças estavam ligadas à reprodução física do próprio grupo. Mas isso tinha a ver com fertilidade, como alguns autores sugeriram (Menget, 1993; Fausto, 2001). A captura de mulheres e crianças não era o objetivo da guerra: os guerreiros se aproveitavam daquela ocasião, mas seu objetivo era cortar a cabeça de seus inimigos. Também não se pode dizer que a cabeça transferia qualquer potência ou fertilidade do matador para o grupo. O que acontecia era que os Munduruku viviam através da guerra: os antigos não viviam por meio da caça ou da coleta, eles viviam por meio da guerra. Com as cabeças dos inimigos, eles controlavam *pucaxi* e *kapido*, e com isso traziam fartura de alimentos: caça, frutos do mato e plantas de roça. Se as cabeças trouxessem fertilidade, até hoje os Munduruku estariam matando seus inimigos para cortar suas cabeças, mas nós não fazemos mais isso. Hoje, utilizamos remédios (*sura*) para atrair os animais de caça e garantir o bom crescimento das plantas da roça.

REFERÊNCIAS

- CABÁ, Amâncio; SAU, Catarina. **Aypapayũ'ũm'ũm ekawën. Histórias dos Antigos. Mundurukú - Português.** Volume 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Vingança e temporalidade. *In*: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: Cosac & Naify, 2009. pp. 77-99.
- FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia.** São Paulo: EDUSP, 2001.
- LOURES, Rosamaria Santana Paes. **Governo Karodaybi: O movimento Ipereğ Ayũ e a resistência Munduruku.** Dissertação de mestrado. PPGRNA-Ufopa, Santarém, 2017.
- MENGET, Patrick. Notas sobre as cabeças Munduruku. *In*: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (Orgs.). **Amazônia: etnologia e história indígena.** São Paulo: USP/NHII, 1993. pp. 311-321.
- MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. **Pinturas corporais do povo Munduruku (MT): significados e mudanças no patrimônio imaterial indígena.** Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena/UNEMAT, Barra do Bugres, 2016.
- MURPHY, Robert. **Mundurucú Religion.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1958.
- MURPHY, Yolanda; MURPHY, Robert. **As condições atuais dos Mundurucú.** Publicação nº 8, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Museu Goeldi (sede provisória), Belém, 1954.
- MURPHY, Yolanda; MURPHY, Robert. **Women of the forest.** New York & London: Columbia University Press, 1974.
- SCHLOTHAUER, Andreas. **Arte plumária Munduruku e Apiaká na coleção de Johann Natterer.** [S. l.: s. n.]. Disponível em: http://www.andreasschlothauer.com/texte/2014_mundurucu_natterer_pt.pdf
- TOCANTINS, Antonio M. G. **Estudos sobre a tribo "Munduruku".** Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Ethnográfico do Brasil, tomo XL, parte 2, 1877. pp. 74-161.